



UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS

**DA ENXADA PARA A BALANÇA**  
De alimentos produzidos a alimentos comprados: o caso  
Itirapuã, Lavras-MG

**MARIA DELISETE MENDES ASSUNÇÃO**

**2001**

D  
л. 045 02  
MFN 4359

**MARIA DELISETE MENDES ASSUNÇÃO**

**DA ENXADA PARA A BALANÇA**

De alimentos produzidos a alimentos comprados: o caso  
Itirapuã, Lavras-MG

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras como parte das exigências do Curso de Mestrado em Administração Rural, área de concentração em Administração Rural e Desenvolvimento, para obtenção do título de "Mestre"

Orientador

Prof. Dr. Edgard Alencar

LAVRAS  
MINAS GERAIS - BRASIL  
2001

**CENTRO de DOCUMENTAÇÃO**  
**CEDOC/DAE/UFLA**

**Ficha Catalográfica Preparada pela Divisão de Processos Técnicos da  
Biblioteca Central da UFLA**

**Assunção, Maria Delisete Mendes**

**Da enxada para a balança - de alimentos produzidos a alimentos comprados: um estudo de caso - Itarapuã / Maria Delisete Mendes Assunção. -- Lavras : UFLA, 2001.**

**75 p. : il.**

**Orientador: Edgard Alencar.**

**Dissertação (Mestrado) - UFLA.**

**Bibliografia.**

**1. Desenvolvimento rural. 2. Agricultura. 3. Alimento. 4. Nutrição.  
Universidade Federal de Lavras. II. Título.**

**CDD-363.192  
- 630.7**

# MARIA DELISETE MENDES ASSUNÇÃO

## DA ENXADA PARA A BALANÇA

De alimentos produzidos a alimentos comprados: o caso de Itirapuã,  
Lavras-MG

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras como parte das exigências do Curso de Mestrado em Administração Rural, área de concentração em Administração Rural e Desenvolvimento, para obtenção do título de "Mestre"

APROVADA em 27 de Abril de 2001

Prof. Dr. Robson Amâncio

UFLA

Profa. Dra. Ana Alice Vilas Boas

UFRRJ



Prof. Dr. Edgard Alencar  
UFLA  
(Orientador)

LAVRAS  
MINAS GERAIS - BRASIL

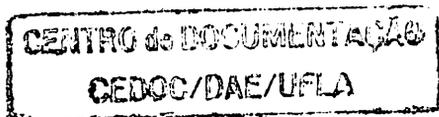
CENTRO de DOCUMENTAÇÃO  
CEDOC/DAE/UFLA

Aos meus pais, Pimentel e Sinhá, pela graça da vida e  
por seus ensinamentos preciosos.  
Aos entrevistados, que muito me ensinaram, aguçando-me a  
vontade de aprofundar cada vez mais sobre alimentação,  
essa maravilhosa graça que mantém a Vida.

DEDICO

Ao universo: que essa contribuição seja apenas o começo de  
minhas retribuições para com ele.

OFEREÇO

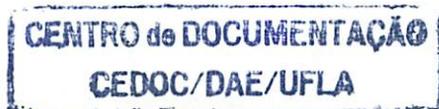


## AGRADECIMENTOS

A todos que contribuíram, que serviram como estímulo, que escutaram e falaram, que provocaram o desenvolvimento desse trabalho desde o despertar da idéia até esse momento de fechamento.

“Cada um que passa em nossa vida, passa sozinho,  
pois cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra.  
Cada um que passa em nossa vida, passa sozinho,  
mas não vai só, nem nos deixa sós,  
leva um pouco de nós mesmos, deixa um pouco de si mesmo.  
Há os que levam muito, mas não há os que não levam nada.  
Há os que deixam muito, mas não há os que não deixam nada.  
Essa é a maior responsabilidade de nossa vida  
e a prova evidente de que duas almas não se encontram por acaso”.

Antoine de Saint Exupery



## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>i</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>ii</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>01</b>
<b>1 SACO VAZIO NÃO PÁRA EM PÉ.....</b>	<b>05</b>
1.1 Alimentando o referencial teórico sobre alimentação.....	05
1.1.1 Alimento: garantia de nutrição e desenvolvimento.....	11
1.2 Cultivando o referencial com a produção agropecuária.....	17
1.2.1 Programas governamentais para o setor agrícola.....	20
<b>2 COMUNIDADE ESTUDADA E METODOLOGIA.....</b>	<b>24</b>
2.1 Natureza e categoria da pesquisa.....	28
2.1.1 Coleta e análise das informações.....	29
<b>3 BEBIDA NÃO É SÓ BEBIDA, COMIDA NÃO É SÓ COMIDA....</b>	<b>31</b>
3.1 População estudada: "Muitos muda, fica muncado num lugar".....	31
3.1.1 Educação, saúde, transporte e lazer.....	36
3.2 Mudanças nos horários urbanos e rurais.....	40
3.3 Culinária aprendida e ensinada: o dia - a - dia.....	43
3.4 O SUPER mercado.....	49
3.5 Buscando o "melhor" e perdendo valores.....	52
<b>4 DA ENXADA PARA A BALANÇA.....</b>	<b>55</b>
4.1 O tempo da enxada.....	55
4.2 O tempo da balança.....	61
4.2.1 Produção de leite: "prisão e liberdade".....	62
4.3 A vida de hoje na balança: o difícil equilíbrio.....	64
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>71</b>

## RESUMO

ASSUNÇÃO, Maria Delisete Mendes. DA ENXADA PARA A BALANÇA: de alimentos produzidos a alimentos comprados: o caso Itirapuã, Lavras - MG. Lavras: UFLA, 2001. 75p. (Dissertação - Mestrado em Administração)\*

Este estudo tem por objetivo discutir as modificações no consumo alimentar, mais especificamente, identificar as diferenças entre a alimentação utilizada hoje e a que era habitualmente utilizada no passado, identificando as influências decorrentes da mudança na agricultura. O trabalho focalizou a comunidade rural de Itirapuã - Lavras - MG, num estudo de caso. A coleta de informações foi realizada por meio de entrevistas informais, semi-estruturadas, utilizando-se roteiros, questionários e anotações. As famílias pararam de plantar para o sustento há aproximadamente vinte anos devido à redução da disponibilidade de terra e dificuldade de acesso às condições de cultivo. A produção era destinada ao consumo e plantio do ano seguinte e apenas o excedente era vendido. As alterações verificadas implicaram na aquisição do alimento produzido "fora" da propriedade, dependendo quase que exclusivamente dos supermercados. Os alimentos que as famílias consomem também estão em estreita correspondência com os baixos salários. Alguns produtores familiares receberam a terra como herança e se mudaram para a cidade e os que permaneceram, produzem pouco e tendem a abandonar as atividades agrícolas ou apenas mantê-las por não terem outra alternativa. A monocultura também se instalou na região dificultando a produção de alimentos para subsistência. Esta pesquisa mostrou que a população estudada apresenta problemas ligados à produção de alimentos, manutenção das suas atividades cotidianas e falta de informações sobre alimentação vinculada à prevenção de doenças. Dessa maneira, a maioria dos agricultores familiares não participa do processo de desenvolvimento, aumentando os problemas sociais. Diante do exposto, se faz necessário desenhar estratégias que viabilizem a permanência do agricultor familiar no campo para seu próprio desenvolvimento e da sociedade.

---

\* Comitê orientador: Edgard Alencar e Lucimar Leão Silveira

## ABSTRACT

ASSUNÇÃO, Maria Delisete Mendes. FROM THE HOE TO THE SCALE: from produced food to bought food: a study in Itirapuã, LAVRAS - MG. Lavras: UFLA, 2001. 75p. (Dissertation - Master's degree in Administration)\*

This study aims to discuss the modifications in alimentary consumption, more specifically, it intends to identify the changes in the feeding of the families today and that used in the past and also to identify the influences related to changes in agriculture. This case study focused on the rural community of Itirapuã - Lavras - MG. The data collection was accomplished through informal and formal semi-structured interviews. The research showed that most of the families stopped planting about twenty years ago due to the reduction of land readiness and difficulties in having access to conditions for cultivation. The production was meant to supply the household needs and to be used as seed for the crops in the following year, only the surplus was sold. Such changes drove them towards the acquisition of food "off the property", depending almost exclusively on supermarkets. Nowadays the food that the families consume is in strict correlation to low wages. Some small farmers received the land as inheritance and then they moved to the city. The families that stayed produce little. They tend to abandon agricultural activities or just maintain them since they do not have another option. Monoculture also settled in the area hindering food production. This research showed the population presents problems linked to food production and maintenance of their daily activities and lack of information about feeding linked to the prevention of diseases. In summary, it is possible to affirm that most of the family farmers do not participate in the rural development process, increasing social problems. For all these reasons, it is necessary to develop strategies that would make it possible for the family farmer to stay on the land, for his own development and for that of society as a whole.

---

\* Guidance committee: Edgard Alencar and Lucimar Leão Silveira

## **INTRODUÇÃO**

Nos últimos tempos, tem sido grande a preocupação da população com a alimentação diária em decorrência do aumento das chamadas “doenças da civilização moderna”. Essa preocupação assume maior relevância quando constata-se que muitas dessas doenças resultam da ingestão de determinados alimentos e que as pesquisas médicas não têm sido capazes de descobrir a cura para elas.

A atenção da pesquisadora em relação a esse tema, alimentação e doença, aguçou-se em decorrência do seu envolvimento em algumas pesquisas realizadas pelo Departamento de Administração e Economia da Universidade Federal de Lavras (DAE-UFLA) em comunidades rurais do município de Lavras. Por meio delas, observou-se que a população rural consome muitos produtos industrializados, comprados nos supermercados da cidade em substituição aos produtos naturais. Foi uma constatação importante, pois esperava-se que a população rural tivesse a sua alimentação baseada nos produtos por ela produzidos. Observou-se ainda que várias pessoas diziam apresentar sintomas de pressão alta, diabetes e deficiência de visão, o que levou a pesquisadora a formular as seguintes questões de pesquisa, que orientaram o desenvolvimento deste trabalho:

- a) Por que as populações que vivem em área rural, tendo acesso a produtos naturais e, portanto mais saudáveis, não os utilizam?
- b) O que leva essa população a adquirir hábitos urbanos de alimentação?
- c) Que influências são verificadas sobre a decisão de quais alimentos consumir?

Tais questões orientaram o estudo para o emprego de métodos qualitativos e para condução de um estudo de caso realizado na comunidade

rural de Itirapuã, Município de Lavras, MG. Todavia, esta pesquisa teve dois momentos. No primeiro momento, procurou-se recompor o processo de mudança de hábitos alimentares, utilizando-se as técnicas de história oral e de vida. Para levantar as informações foram utilizados roteiros de entrevistas, observações e anotações de campo, sendo posteriormente utilizado um questionário semi-estruturado para obtenção de informações que ficaram incompletas nas entrevistas.

No entanto, para evitar que a análise ficasse centrada unicamente no nível micro, isto é, na percepção dos sujeitos (as famílias de agricultores), tais informações foram contextualizadas, o que representou um segundo momento da pesquisa. Essa contextualização fundamentou-se em uma revisão de literatura sobre as transformações socioeconômicas ocorridas na agricultura brasileira nas últimas cinco décadas e os seus efeitos sobre a vida dos produtores familiares rurais, tanto no processo produtivo como nas relações campo-cidade.

Os objetivos desta pesquisa foram delimitados após as primeiras visitas à comunidade de Itirapuã. Como objetivo geral buscou-se compreender as modificações no consumo da alimentação familiar, através de estudo das práticas de produção agrícola e alimentares destas famílias. Dentro deste objetivo geral buscaram-se os específicos: a) identificar as mudanças na alimentação da família; b) conhecer a alimentação utilizada hoje e aquela que era usada no passado conforme qualidade e quantidade, segundo a visão dos entrevistados; c) identificar quais as influências ocorreram na alimentação decorrentes da mudança na agricultura.

Esse estudo foi estruturado em quatro capítulos assim identificados: 1) “Saco vazio não pára em pé”, no qual são revisados estudos que constróem a base teórica da pesquisa; 2) “Comunidade estudada e metodologia”, no qual são mostradas características da comunidade, esclarecendo-se a opção pela pesquisa qualitativa; 3) “Bebida não é só bebida, comida não é só comida” que apresenta

os resultados referentes ao processo alimentar dos moradores da comunidade e  
4) “Da enxada para a balança”, em que apresentam-se os resultados referentes a  
mudanças na agricultura e sua relação com alimentação.

# 1 SACO VAZIO NÃO PÁRA EM PÉ

A expressão “saco vazio não pára em pé” aqui representa, além de seu emprego habitual para descrever as necessidades básicas de todo ser humano de se alimentar, a base teórica desse estudo. Este capítulo se dedica, em um primeiro momento, ao estudo sobre a alimentação; no segundo sobre a agricultura, uma vez que essa pesquisa faz a relação entre alimentação e agricultura.

## 1.1 Alimentando o referencial teórico sobre alimentação

A alimentação expressa diferentes relações sociais, culturais, formas de produção e manutenção da vida do ser humano. Diversos autores desenvolveram estudos sobre este tema.

Lévi Strauss (1968) nos fala da relação entre a cozinha e a linguagem. Para ele tanto a cozinha como a linguagem são formas de atividade humana verdadeiramente universais. Assim como não existe uma sociedade sem linguagem também não existe sociedade que, de um modo ou outro, não cozinhe seus alimentos. Para este mesmo autor, os modos de elaboração “cozido, fervido ou assado” se distinguem do “cru”. Assim, cru estaria representando a natureza, enquanto as formas elaboradas representariam a cultura. A cozinha representa a necessária articulação entre natureza e cultura, visto que

*“respondendo às exigências do corpo, e determinada nos seus modos pela maneira particular pela qual, aqui e ali, se efetua a inserção do homem no mundo, colocada portanto entre a natureza e a cultura”*  
(Lévi Strauss, 1968:p.33).

Em cada época e em cada cultura há uma forma de alimentação peculiar, e que, ao longo dos tempos, chega até nossos dias mantendo ou suprimindo o que mais adequadamente o ser humano necessita.

Para os povos romanos o termo “vivenda” significava alimento, originada da palavra “vivere”, que designava o que era necessário à vida. Hipócrates, 400 antes de Cristo escreveu: “Faz de teu alimento teu remédio e de teu remédio alimento”. Desde essa época, a alimentação já era vista sob o aspecto de bem-estar físico e do desenvolvimento mental e emocional como um todo para a manutenção e prevenção da saúde. Frieiro (1966) afirma que o ser humano pauta-se pela necessidade de dois instintos básicos: nutrição e reprodução. Juan Ruiz *in* Frieiro (1996:p.12) coloca:

*“Como dize Aristóteles, cosa es verdadera:  
El mundo por dos cosas trabaja: la primera,  
Por aver mantenençia; la outra cosa era  
Por aver juntamiento con fenbra placentera.”*

A primeira preocupação era o estômago: “la primera, por aver mantenençia”. Satisfeitas as necessidades primordiais, em seguida era a reprodução: “Por aver juntamiento con fenbra placentera”, aqui entendida como da espécie humana.

Outro autor brasileiro interpreta a questão alimentar considerando as categorias de classes e unidade geocultural. Assim encontramos em Cândido (1975:p.152): “Cada classe, cada nível, cada categoria econômica, dentro da mesma unidade geocultural, come, veste, habita de maneira específica”. Cândido (1975) considera que para cada cultura há um determinado ponto de equilíbrio na alimentação e abrigo, que exige certo grau de organização social para que os mesmos se mantenham. Esse equilíbrio depende da relação estabelecida entre “mínimo social e mínimo vital”. Abaixo desses mínimos teríamos fome para o

caso do equilíbrio vital e anomia para o social.

Dessa forma, para melhor compreensão dos meios de subsistência é preciso que os vejamos sob a luz das relações sociais desenvolvidas pelo estímulo das necessidades básicas. Para tanto, é a alimentação o meio mais adequado, por ser um “recurso vital por excelência”.

Segundo Woortmann (1986:p.103), “a comida é mais que apenas alimento”. Comer é um ato que leva à reposição das energias do ser humano, gastas no trabalho, garantindo desta forma a manutenção da família. Os alimentos, além de comidos, são também pensados, isto é o alimento é mais que apenas nutriente para a reposição das energias. Atitudes diante da comida, como comer em grupo ou sozinho, convite para um jantar ou sair para comer fora, quando a comida é o tema central, é a transformação das necessidades biológicas em sociais. Os hábitos de comer mostram as diferenças entre as culturas e, para além de sua materialidade, a comida fala da família, do corpo e de relações sociais.

Sendo uma necessidade vital, o acesso ao alimento é fundamental para todos e é nas relações sociais que o ser humano garante a produção para seu consumo. Sabe-se que, no mundo atual, é produzida uma ampla variedade de alimentos e muitos outros produtos que podem se tornar alimentos com o emprego de tecnologias apropriadas. Com isso, a humanidade tem diversas possibilidades de compor seu consumo dietético dentro de um padrão de equilíbrio ou desequilíbrio, independente da quantidade de alimentos.

A quantidade de alimentos disponíveis no mundo é suficiente para proporcionar uma dieta adequada a todos. O problema da alimentação apoia-se sobre o tripé: subutilização da terra, uso da agricultura para gerar divisas e utilização da produção alimentar para alimentação de animais (Abramovay, 1986).

O problema não é a falta de alimento e sim um complexo de situações políticas, econômicas e sociais. Uma análise sobre o documento da cúpula mundial de alimentação, ocorrida em Roma, em novembro de 1996, nos mostra a realidade sobre a desconsideração do problema alimentar no mundo , o que tem reflexos no Brasil em maior escala:

*“(...) a meta de reduzir o número de famintos para 400 milhões no longínquo ano de 2015 é um ultraje aos povos e seres humanos hoje submetidos à fome e à miséria. Especialmente, se consideramos que o mundo hoje tem plenas condições de produzir alimentos para satisfazer às necessidades alimentares e nutricionais de todos os seres humanos do planeta. O que falta é decisão política” (Valente, 1997:p.1).*

Maluf (1995) publicou um estudo em que realiza uma análise do que se conhece por segurança alimentar (SA), um conceito relacionado ao objetivo de políticas públicas associadas à produção, à distribuição e ao consumo de alimentos. Textualmente, assim se expressa:

*“Uma apropriação do conceito de SA adequada aos países da América Latina deve, é certo, afirmar a centralidade da questão do acesso aos alimentos, mas tanto nos casos em que este é irregular ou insuficiente - onde se origina a fome - como naqueles em que o acesso é custoso e compromete parcela substancial da renda total, dificultando a obtenção dos demais componentes necessários a uma vida digna. Portanto, à ênfase mais freqüente na disponibilidade física deve agregar-se a questão do preço relativo dos alimentos ‘ vis a vis ` o poder aquisitivo dos salários ou outras formas de renda da população” (Maluf, 1995:p.135).*

No Brasil, as políticas governamentais para a agricultura historicamente buscaram viabilizar a indústria e criar um mercado consumidor para escoar seus produtos; as poucas investidas governamentais na alimentação da população também têm o mesmo propósito. Houve, nos anos 1930, uma preocupação com a alimentação do trabalhador fabril que visava, não a alimentação em si, mas criar um ambiente que possibilitasse o fortalecimento das unidades fabris no país (Natal, 1984).

Para Castro (1967), é de importância fundamental que a um plano de alimentação deva corresponder um plano de produção agrícola, bem como um inventário completo: a) no sentido da saúde, como observação do estado nutricional; b) no sentido geográfico, um estudo ecológico sobre solo, clima, plantas e animais; c) no sentido sociológico, a realização de um inquérito econômico social, e d) no sentido histórico, um estudo da origem e do desenvolvimento da situação atual. A preocupação de autor é de esclarecer que não é apenas uma alimentação insuficiente que nos ameaça, mas que também uma alimentação mal constituída pode trazer problemas maiores do que se pensa, influenciando na duração e qualidade da própria vida, na capacidade de trabalho e no estado psicológico das populações.

A respeito do consumo alimentar das populações rurais, Chonchol (1989) considera-o menos variado do que o das populações urbanas, uma vez que grande parte da população rural teoricamente teria sua própria produção de subsistência. Esse mesmo autor considera ainda que a urbanização modifica parcialmente o consumo alimentar na zona rural, pois o contato entre os migrantes e suas famílias, que permaneceram no meio rural, leva a modificações no sistema alimentar. Para resolver os problemas de consumo, deveriam ser adotadas estratégias diferenciadas para as populações rurais e urbanas. Chonchol (1989) afirma ainda que, para as populações urbanas, o essencial é a busca do pleno emprego e de políticas para melhorar o abastecimento alimentar

das populações mais pobres. Entretanto, para as populações rurais, os problemas essenciais a considerar são: distribuição de terra, controle das águas, condições da tecnologia a utilizar, condições de armazenagem e transformação da produção destinada ao autoconsumo, políticas públicas referentes aos assalariados agrícolas, arrendatários, meeiros e a diversificação de sua alimentação.

Na opinião de Cavalli (1997:p.53) “a alimentação e a nutrição são fatores primordiais de uma população, determinando, no contexto da saúde, a qualidade de vida”. Este mesmo autor considera que o sistema produtivo é diretamente afetado pelas mudanças nos hábitos alimentares, principalmente nas pequenas propriedades onde as decisões sobre alocação de área e mão-de-obra podem definir o abandono das alternativas menos produtivas. Destaca ainda que a tendência alimentar brasileira tem sido uma cópia dos hábitos de consumo dos países desenvolvidos, devido à ascensão das propagandas de produtos industrializados, geralmente oriundos de empresas multinacionais.

Um dos grandes responsáveis pela diversificação, principalmente pela introdução de novos alimentos, são os meios de comunicação de massa. As tecnologias mecanizadas de comunicação têm provocado grandes mudanças em todos os aspectos da globalização, formando um elemento essencial da reflexividade da modernidade e das descontinuidades que destacaram o moderno para fora do tradicional (Giddens, 1991). Assim, para Naves (1997), “os meios de comunicação de massa passam a exercer o domínio sobre as atitudes cotidianas do indivíduo e dos grupos, seja no que se refere ao consumo, seja no trabalho, aos modos de ver e agir, trazendo o novo e reprimindo o tradicional”.

Os autores citados indicaram vários fatores que podem provocar mudanças no padrão alimentar das populações rurais, incluindo tanto os de natureza macroestrutural quanto os relacionados com a difusão de novos hábitos oriundos de distintos contextos. Todavia, o alimento produzido para o

próprio consumo ou para ser comercializado, com todas suas peculiaridades, tem como destino final alimentar o ser humano, garantindo-lhe nutrir-se e desenvolver-se. Com intuito de melhor entender a relação entre alimentação e nutrição na próxima seção procurou-se discutir as implicações que podem existir entre o ato de alimentar e o de nutrir.

### 1.1.1 Alimento: garantia de nutrição e desenvolvimento

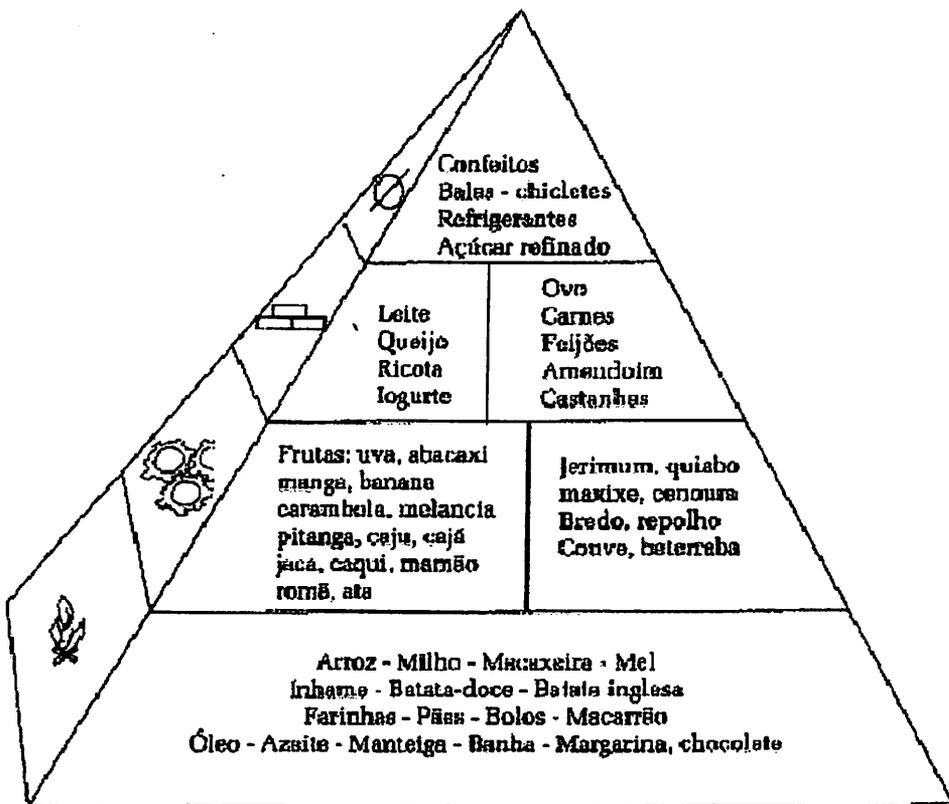
Inicialmente, é interessante relacionar o significado dos termos alimentação e nutrição, termos muitas vezes usados indistintamente. Alguns autores, entre eles Schilling (1995), Sgarbieri (1987), Angelis (1979) e Mitchell et al (1978) auxiliam nesta diferenciação.

Alimentação refere-se à ingestão de determinada quantidade de alimentos e é definida por Schilling (1995:p.17) como “o aporte de alimentos, da escolha até a absorção nas vilosidades intestinais”. Já a nutrição refere-se ao valor nutritivo dos alimentos, associado às necessidades individuais e coletivas. Dessa forma, uma pessoa bem alimentada não significa que necessariamente esteja bem nutrida.

Alimento é a substância que compõe o cardápio diário, podendo ser de origem animal, vegetal e, ainda, mineral, consumidos *in natura* ou processados. Uma alimentação equilibrada exige conjugação de necessidades diárias, costumes, hábitos alimentares e também conhecimentos sobre os alimentos utilizados, tais como valor nutritivo e valor biológico. O primeiro se refere a todos nutrientes contidos no alimento; estes podem ser, por exemplo: hidratos de carbono, proteínas e gorduras. Valor biológico associa-se ao conceito de vida, de preservação do valor natural ou, mesmo, de células vivas. Quanto mais vivo o alimento, maior valor biológico.

Nutrientes são os componentes dos alimentos e se classificam de acordo com a função que desempenham no organismo. Há nutrientes fornecedores de energia, de fácil metabolismo, denominados construtores. Os nutrientes responsáveis pela formação e regeneração dos tecidos são chamados plásticos e os nutrientes que participam no controle ou no equilíbrio do metabolismo são os reguladores, sendo que às vezes desempenham papel de nutrientes plásticos. Esses nutrientes fornecem a energia responsável pela manutenção da vida. A energia utilizada pelo ser humano é chamada de caloria (Schilling, 1995). As calorias representam a quantidade de calor necessária para elevar de 14,5°C a 15,5°C a temperatura de um grama de água (Ferreira, 1986). A ilustração de Schilling (1995) com a pirâmide de alimentos auxilia na visualização das necessidades básicas para uma alimentação equilibrada (Figura 1).

Uma alimentação equilibrada e nutritiva exige, além da quantidade de calorias, sua distribuição entre diferentes alimentos que contenham nutrientes de cada uma das categorias. É importante observar que na base da pirâmide se encontram os alimentos energéticos, principais fornecedores de hidrato de carbono, mostrando assim a sua maior necessidade de ingestão, 50% a 60% do valor calórico total. Seguidamente, em ordem decrescente, 25% a 35% de alimentos reguladores, principais fornecedores de vitaminas e sais minerais, a continuação 10% a 15% de alimentos construtores, principais fornecedores de proteínas e, finalmente, as calorias vazias que, por apenas fornecer energia sem maiores benefícios para o organismo, foram colocadas na ponta da pirâmide, indicando que seu consumo deve ser bastante reduzido ou nulo (Schilling, 1995).



Alimentos energéticos



Alimentos construtores



Alimentos reguladores



Calorias vazias

**FIGURA 1:** Pirâmide de alimentos.

Fonte Schilling (1995:p.35)

As quantidades de nutrientes para atender às necessidades calóricas ou exigências mínimas do organismo são testadas e definidas em laboratório. No entanto, concepções diferenciadas sobre alimentação e nutrição humanas e necessidades específicas de diferentes organismos fazem com que, muitas vezes, essas definições não correspondam à realidade, devido à dificuldade de submeter o ser humano a regimes controlados rigorosamente (Sgarbieri,1987). Ainda Silva e Silva (1999) afirmam “que existem muitas controvérsias em estudos de biodisponibilidade *in vivo* a respeito da extrapolação de resultados de sistemas

experimentais para seres humanos que se alimentam com dietas complexas". Isto significa que não se deve somente preocupar-se com a quantidade de nutrientes (valor nutritivo) em um alimento, senão também com o valor biológico.

O valor nutricional dos alimentos deve ser considerado associando-o ao valor biológico, conforme referenciado anteriormente. Nesta perspectiva de análise, é essencial complementarmos as argumentações anteriores com a visão segundo a qual o mais adequado seria consumirmos alimentos que conservem ao máximo suas características naturais, mantendo-se mais vivos. Cabe então a classificação feita por Bruker [198-], considerando alimentos produzidos pela natureza e alimentos produzidos pelo homem (Quadro 1).

Os alimentos com maior valor biológico têm elevado valor nutricional. Isto não acontece, por exemplo, com produtos industrializados, enlatados, enriquecidos com diferentes nutrientes e que usam conservantes químicos. O valor biológico decresce da coluna 1 para a 6, ou seja, de alimentos naturais, que possuem elementos vitais, para alimentos industrializados, desnaturados ou artificiais (Quadro 1). Dessa forma, pode-se perceber que a alimentação, nos dias atuais, está majoritariamente baseada em alimentos produzidos pelo homem, em detrimento dos alimentos produzidos pela natureza, que são de alto valor biológico.

Pode-se citar o arroz branco como um dos muitos exemplos de alimentos desnaturados. Antes do acesso ao "arroz de saquinho", beneficiado industrialmente, era predominante o consumo de arroz de produção própria e beneficiado manualmente no pilão. Esse arroz mantinha as características do arroz integral, preservando vitaminas do complexo B, que são responsáveis pelo metabolismo de hidratos de carbono. No arroz branco resta apenas carboidratos sem as vitaminas do complexo B, responsáveis pelo metabolismo dos mesmos. Por esta razão o arroz polido, branco, provoca um maior aumento de peso.



A mesma analogia pode ser feita com o consumo da farinha de trigo branca. Ainda em 1953, em uma sessão do Parlamento inglês, já se dizia que:

*“foram necessários 50 anos para se perceber que os moinhos metálicos, que substituíram os de pedra, roubam da farinha as vitaminas e outros elementos essenciais, o que tem acarretado graves conseqüências para a saúde”.* (Lord Hankey, in Mello, 1964:p.55)

Mello (1964) também cita Mellanby, que descobriu o efeito tóxico do pão fabricado com farinha de trigo branquíssima. Um outro exemplo clássico é o processo de beneficiamento industrial do açúcar que também trouxe conseqüências danosas para a saúde do consumidor, comparáveis às do trigo e do arroz, em decorrência do processo químico de refino e aumento do consumo para até 200 gramas por dia:

*“o açúcar trouxe para as crianças - além de sua doce ilusão - 100% de cáries (...) e um total condicionamento do gosto em direção ao doce”* (Hensel,[198-]).

Há muito se vem discutindo as deficiências causadas nos alimentos pelo processamento. Este processo ocorreu devido ao rápido crescimento das cidades, levando à necessidade de os alimentos terem um tempo maior de armazenamento. Como observa Hensel (198-), os alimentos foram submetidos a um processo industrial que lhes retira a parte vital, transformando-os em meros comestíveis. Esse mesmo autor acrescenta que a falta ou insuficiência de nutrientes vitais parecem desempenhar um papel decisivo na evolução das doenças crônicas.

Relacionamos na exposição anterior que, ao se diversificar o modo de viver muda-se a dieta: palavra de origem grega - *diaita* - que significa, segundo Ferreira (1986), gênero de vida. Mas além da relação alimento/processamento, a dieta diária está baseada na produção agropecuária, tratada na próxima seção.

## 1.2 Cultivando o referencial com a produção agropecuária

A produção agropecuária será vista dentro dos estudos do desenvolvimento da agricultura na chamada Modernização da Agricultura Brasileira. Tal fase se consolidou a partir da década de 1970, caracterizada por grande intervenção do governo na agricultura. Essa intervenção envolveu as seguintes áreas: a) investimento público em infra-estrutura (estradas, comunicação, comercialização, etc.); b) estabelecimentos de projetos especiais e programas regionais; c) encorajamento aos investimentos privados em reflorestamentos e à abertura de grandes fazendas nas regiões centro-oeste e amazônica; d) desenvolvimento da agroindústria; e) reestruturação da pesquisa agropecuária e da extensão rural; f) incremento do crédito rural, geralmente a taxas de juros negativas; g) subsídios para aquisição de insumos modernos, tais como fertilizantes, sementes e máquinas. Apesar de todas essas medidas, o Estado continuou tendo uma grande parcela de controle sobre a produção e comercialização, pois ao mesmo tempo que o Estado criou estas condições infra-estruturais necessárias à mudança da base técnica da produção, também manteve o seu papel de estabilizador entre as necessidades do mercado interno e a pressão do mercado externo (Alencar, 1997:p.19).

A modernização da agricultura acaba por priorizar as grandes propriedades e os agricultores familiares<sup>1</sup> perdem espaço para os grandes

---

<sup>1</sup> Em relação ao conceito de agricultura familiar, em que pese as dificuldades conceituais, analíticas e as construções diferenciadas do objeto, alguns elementos da generalidade do conceito permitem lhe dar atributos comuns: a família como proprietária dos meios de produção, o trabalho na terra, modalidades de produção e manifestação de valores e tradições (patrimônio sócio-cultural) em torno *da e para* a família (Tedesco, 1999). Para distinguir a unidade familiar de outras existentes na agricultura, Lovisolo (1989) destaca o fato de estar a força de trabalho da unidade determinada por uma relação de parentesco com membros específicos da unidade. Ou, como aponta Lamarche (1993) “a exploração familiar corresponde a uma unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família”. Esse carácter familiar, para

empreendimentos que, por aspirarem a altos lucros, optam por plantações em grandes dimensões, ou seja, a monocultura. A monocultura, segundo o mesmo autor, impôs uma deficiência alimentar gerada pela fome que o latifúndio causava. Assim, o modo de alimentar de um povo nos mostrará mais do que possamos imaginar num primeiro plano.

Desde o período colonial, as propriedades rurais se diferenciavam entre si. Porém, com a modernização da agricultura, o setor capitalista entrou na atividade, transformando a agricultura e criando diversas classes de produtores rurais, transformando-os em pequenos empresários ou mesmo levando-os a uma classe de pequenos produtores pauperizados ou, ainda, retirando-os da classe de produtores para transformá-los em trabalhadores assalariados (Jesus, 1993). Isto significa, por exemplo, a substituição do colono pela mão-de-obra assalariada permanente ou temporária, implicando em outra relação com a terra por parte do trabalhador. O produtor familiar com pouca terra para plantar e o trabalhador rural assalariado tornaram-se cada vez mais dependentes dos supermercados para adquirir seus alimentos. Por essa razão, sua alimentação é quase idêntica à das populações urbanas, ainda que com menor variedade.

A partir da segunda metade da década de 1960, houve uma grande transformação no meio rural brasileiro. Todavia o pequeno produtor de alimento para o mercado interno permaneceu sem apoio para o custeio dos produtos, e à revelia dos grandes proprietários, que com as facilidades descritas acima impõem seu poderio, definindo grandes diferenciações na estrutura social brasileira. Vários autores discutem esse processo de diferenciação social no setor rural brasileiro, entre eles citamos: Sorj (1980), Müller (1982), Graziano da Silva (1982), Sorj e Wilkinson (1983), Loureiro (1987) e Alencar e Moura (1988). Muitas também são as discussões em torno da modernização da

---

Wanderley (1999), não é um mero detalhe superficial e descrito, ou seja, o fato de uma estrutura produtiva associar família-produção-trabalho tem conseqüências fundamentais

agricultura. Segundo Carlos Lorena, in Cavalli (1997:p.63) “a modernização só será útil quando o país contar com uma organização em que os resultados sejam distribuídos por toda população”.

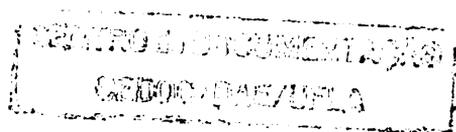
Em relação à problemática dos pequenos agricultores, dois autores clássicos fizeram estudos sobre realidades fora do Brasil: Kautsky (1968) e Chayanov (1974). Para Kautsky (1968), as vantagens trazidas pelo capitalismo para as grandes propriedades rurais, como técnicas produtivas e crédito e comercialização, empurrariam os produtores a buscar a proletarização como uma das soluções para sua difícil permanência no campo. Esta tese não se verificou em todos os países, pois tais dificuldades levaram somente uma pequena parte dos produtores a se proletarizarem, permanecendo a grande maioria como pequenos agricultores. Já Chayanov (1974) coloca em debate a lógica da unidade econômica familiar. Na realidade camponesa, são, principalmente, tamanho e composição da família e necessidades de consumo que regem as leis produtivas. Segundo esse autor, tamanho e composição da família camponesa, além de implicações qualitativas, estão intimamente relacionados com os limites máximos e mínimos da atividade econômica da unidade de produção familiar. A mão-de-obra empregada é a familiar, que deve ser suficiente para atender às demandas de sobrevivência da família como um todo.

Dessa forma, encontram-se casos em que “o campesinato se provê de uma família de acordo com sua segurança material” (Chayanov, 1974:61). Enquanto para Kautsky (1968) a saída seria a proletarização, para Chayanov (1974) o que garantiria a pequena produção seria o tamanho e composição da família e necessidade de consumo. Assim, a discussão chega aos dias atuais com tantas ou mais controvérsias.

Vários estudos foram conduzidos no Brasil, nas últimas décadas, descrevendo a heterogeneidade social no campo. Entre estes estudos podemos

---

para a forma como ela age econômica e socialmente.



citar os trabalhos de Graziano da Silva (1981), Müller (1982), Porto e Siqueira (1994), Sorj e Wilkinson (1983). No sul de Minas Gerais encontram-se os trabalhos de autores como Alencar (1997), Jesus (1993), Vilas Boas (1993) e Vilas Boas (2000), que discutem a questão social na agropecuária e identificam diferentes categorias de unidades de produção, por exemplo: a) propriedades multimodulares com elevados níveis de capital de exploração, alto grau de comercialização da produção e com predominância de mão-de-obra contratada; b) propriedades modulares com investimentos relativamente elevados (se comparados à média de investimento estadual), produção voltada basicamente para o mercado e com predominância da força de trabalho familiar; c) propriedades modulares ou submodulares com baixos níveis de capital de exploração e comercialização em que predominavam o trabalho familiar. Neste último caso, a subsistência da família era muitas vezes complementada pelo trabalho fora da unidade de produção. As unidades identificadas pelas letras “b” e “c” correspondem ao que se convencionou chamar “produção familiar”. Neste trabalho, quando estamos empregando as expressões “produtor familiar” ou “produção familiar” estamos nos referindo ao titular ou à produção que se desenvolve nas unidades onde a força de trabalho origina-se basicamente do núcleo familiar. Os estudos conduzidos na região identificaram também diferentes tipos de trabalhadores, os quais são classificados como assalariados permanentes, assalariados temporários e parceiros. Na próxima seção serão apresentadas algumas considerações sobre iniciativas oficiais que visam assistir esse grupo de produtores.

### 1.2.1 Programas governamentais para o setor agrícola

Segundo Paiva et al (1976), dentre os objetivos do setor agrícola na década de 1970 estava incluído o aumento do número de empregos e as

possibilidades de acesso à terra, de preferência na forma de propriedades familiares. No entanto, a política de modernização estava favorecendo majoritariamente às grandes propriedades.

Em 1993 foi criado o Programa de Valorização da Pequena Produção, o PROVAP, que em 1996 se consolidou passando a ser Programa Nacional de Agricultura Familiar, PRONAF. Uma lista de critérios básicos de classificação do pequeno agricultor foi estabelecida para a participação no programa: a) 80% da renda oriunda da agropecuária; b) ocupar área de, no máximo, quatro módulos fiscais (quantidade de terra estipulada pelo INCRA, podendo ser diferente para cada município); c) ser proprietário, parceiro, arrendatário ou posseiro da terra em uso; d) utilizar mão-de-obra familiar ou ter, no máximo, dois empregados permanentes; e) residir na propriedade ou, pelo menos, próximo a ela; f) ter renda máxima de R\$27.500,00 por ano (Belik, 1999).

Com esses e outros critérios, o PRONAF acabou por privilegiar os produtores que já tinham acesso ao crédito bancário, e que tinham potencial para se tornarem pequenos empresários rurais, além disso possibilitou acesso ao crédito para uma parcela que se apresentou fortemente organizada. A maioria continuou excluída. De acordo com Carneiro (1999), essa classificação deixou de fora do programa 2.330.000 agricultores familiares, os quais foram considerados “inviáveis economicamente” ou “inadequados em termos de infraestrutura disponível”. A esses agricultores excluídos, chamados de “periféricos”, restariam as políticas sociais para atendê-los em suas demandas e não as políticas econômicas.

Sem contar com uma política que o favorecesse, o produtor familiar se viu novamente excluído do processo de modernização da agricultura. Continuando sua trajetória de dificuldades, o pequeno agricultor passou a procurar, dentro de sua lógica, alternativas para sobreviver no campo ou, na maioria das vezes, viu-se obrigado a engrossar a migração para a periferia das

idades, tornando-se sem teto, sem emprego e sem uma vida digna. Ainda segundo Carneiro (1999), o trabalho assalariado ou por conta própria fora do setor agrícola surgiu em recorrência da chamada pluriatividade (alternativas não agrícolas conjugadas às atividades agrícolas) como condição de permanência no campo mesmo que não seja a principal fonte de renda. “O termo pluriatividade não designa um fenômeno específico, assim como o termo pluriativo não define uma nova categoria social no meio rural” (Carneiro,1999:p.14).

Nos países do “primeiro mundo”, onde o emprego da tecnologia é cada vez mais acentuado, há muito foram adotadas políticas que regulam o êxodo rural, transformando principalmente atividades agrícolas puras nas chamadas atividades pluriativas. Com isso, nesses países, tais políticas vão além das necessidades de combater a pobreza rural para legitimar ações de redistribuição de renda, como em nosso país atuam o programa de assentamento e o PRONAF. Essa é uma reflexão importante, pois é por meio dessas políticas e seu aprofundamento que a modernização da economia não produzirá mais desemprego urbano do que já vem produzindo (Matos,1999).

A falta de alternativas que favorecessem a permanência no campo levou a um grande movimento de migração, principalmente na década de 1970, para as grandes metrópoles. Já nos anos de 1980 essa migração diminuiu e a procura não é mais pelos grandes centros, mas pelas cidades de porte médio. Isto se explica pela diminuição da população rural, o aparecimento do desemprego urbano e também pelo menor ritmo de modernização da agricultura. O Brasil ocupa o 6º lugar no ranking dos mais pobres do mundo, tendo 73% da sua população rural abaixo da linha de pobreza, segundo estudo do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola - FIDA (Graziano da Silva, 1995).

Mesmo diante dessa realidade, as políticas governamentais brasileiras estão longe de trazer resultados satisfatórios para a população pobre do campo.

Segundo a FAO, citado por Graziano da Silva (1995:p.134), os programas para enfrentamento da pobreza no meio rural refletem:

*“(...) a crise dos modelos de administração nascidos basicamente da integração de financiamento nacional e estrangeiro, para enfrentar com instrumentos estritamente compensatórios. Tais modelos são insuficientes uma vez que a pobreza é gerada por uma distribuição fortemente desigual dos fatores de produção, agudizada historicamente por uma combinação de políticas macroeconômicas e agrícolas que reforçam a natureza excludente do modelo de desenvolvimento. A crise e o ajuste macroeconômico condicionaram o desempenho dos programas de combate à pobreza, mas não parecem ter sido estes os principais fatores que explicam seus limitados resultados. Haveria que acrescentar também a escassa prioridade real que se outorgou ao problema”.*

No contexto formado pela modernização da agricultura, desenvolvimento e exclusão fundamentou-se a pesquisa sobre as modificações nos hábitos alimentares dessas famílias. Assim, focalizaremos a comunidade rural de Itirapuã, situada na cidade de Lavras, ao sul de Minas Gerais, por meio da metodologia de pesquisa qualitativa.

## A COMUNIDADE ESTUDADA E A METODOLOGIA

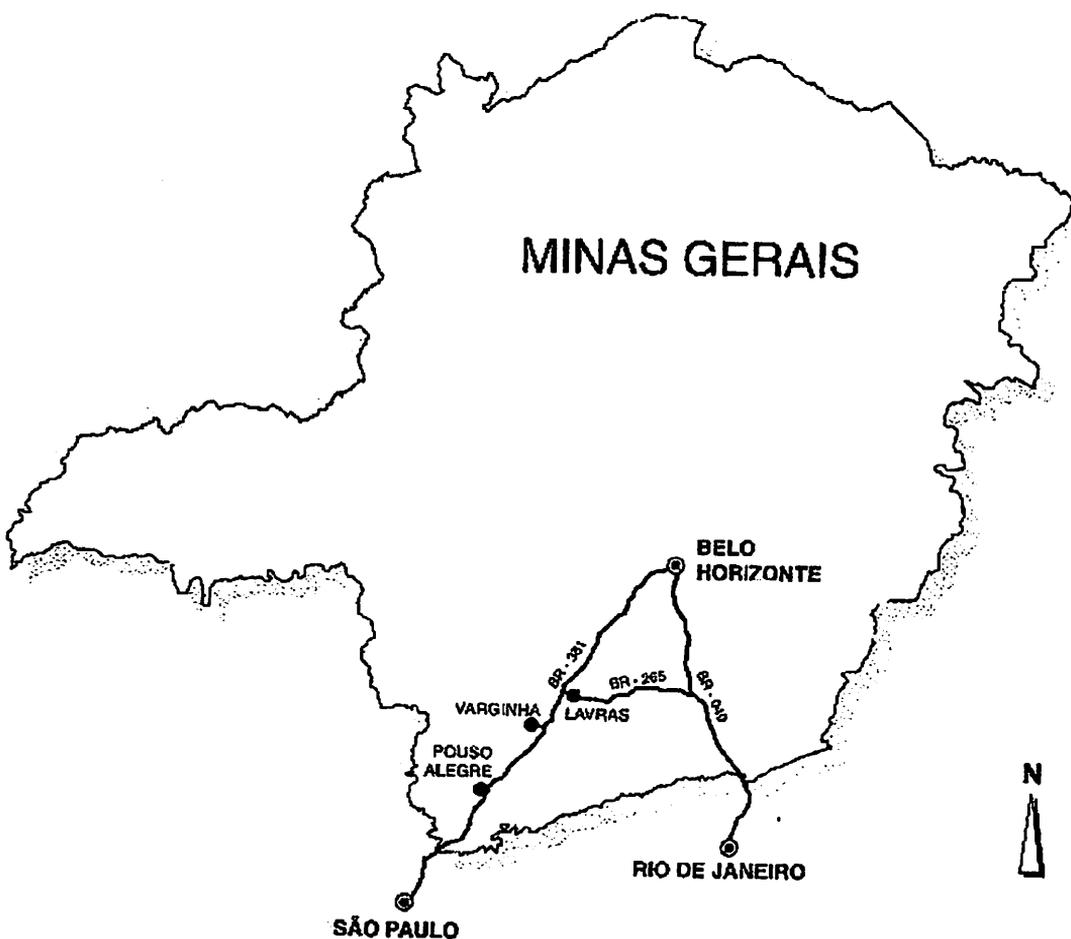
Este capítulo se dedica ao estudo das características geográficas e sócio-econômicas do município de Lavras, por abrigar a comunidade onde foi desenvolvido a pesquisa e, ainda, discute-se a opção metodológica adotada. Porém, inicialmente são discutidas algumas das concepções dadas ao termo comunidade.

Segundo Leroy (1995), a idéia de comunidade está freqüentemente associada a uma determinada configuração na dimensão físico-espacial. E, possivelmente, pode estar em conexão com uma perspectiva cultural, de associar comunidade ao mundo rural. Na visão do mesmo autor, é importante considerar que a visão que ignora as diferenciações sociais e os conflitos de interesse não serve como ponto de partida quando se pretende a promoção do desenvolvimento das mesmas comunidades. Qualquer projeto de desenvolvimento, na verdade, prevê a interação entre esse diferentes setores da comunidade ou grupo sob estudo, sendo desejável promover entre eles o encontro, o diálogo, a negociação, a construção das suas metas e a demarcação do território onde ocorrerão as ações, de acordo com uma perspectiva de sustentabilidade.

Para Lakatos (1985), comunidade é um conceito essencialmente ligado ao solo, em virtude de seus componentes viverem de maneira permanente em determinada área, além da consciência de pertencerem ao mesmo tempo, ao grupo e ao lugar e que funcionam em conjunto, no que tange aos principais assuntos de suas vidas.

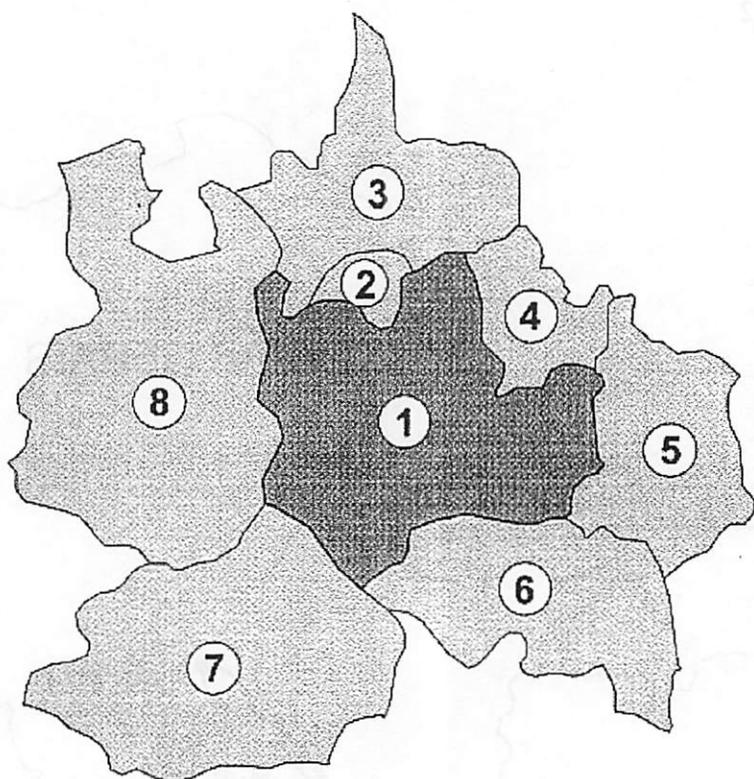
Por outro lado, Tönnies, citado por Galliano (1981:p.121), afirma que “comunidade é uma coletividade de pessoas que se encontram unidas por laços naturais e espontâneos, bem como por objetivos comuns que transcenderiam os interesses particulares de cada um”.

Os sujeitos desta pesquisa foram os produtores familiares da comunidade de Itirapuã, palavra indígena que significa Morro Redondo. Itirapuã é uma comunidade rural do município de Lavras, cidade esta que dista 230 km de Belo Horizonte, às margens da rodovia Fernão Dias que liga a capital mineira a São Paulo. A localização da cidade de Lavras pode ser visualizada na Figura 2.



**FIGURA 2:** Mapa do estado de Minas Geras

O município de Lavras foi emancipado em 13 de outubro de 1831. Ocupa uma área de 537 km<sup>2</sup> e se situa a uma altitude de 920 metros, limitando-se com os municípios de Ribeirão Vermelho e Perdões ao norte; Ijaci e Itumirim a leste; Ingaí e Carmo da Cachoeira ao sul e Nepomuceno a oeste. A Figura 3 mostra os municípios limítrofes de Lavras.



- |                      |                       |
|----------------------|-----------------------|
| 1. Lavras            | 5. Itumirim           |
| 2. Ribeirão Vermelho | 6. Ingaí              |
| 3. Perdões           | 7. Carmo da Cachoeira |
| 4. Ijaci             | 8. Nepomuceno         |

**FIGURA 3:** Lavras e municípios limítrofes

O município de Lavras é privilegiado de recursos hídricos, pois se localiza na bacia do Rio Grande, além de ser cortado pelos rios Capivari e do Servo e possui ainda muitos ribeirões. De acordo com o Sistema de Informações Mercadológicas Municipais do SEBRAE-MG, o relevo do município segue o da região, com predominância na seguinte ordem: ondulado (55%), montanhoso (30%) , plano (15%). O clima apresenta verões brandos e chuvosos, considerado, segundo a classificação de Köppen, como mesotérmico (SEBRAE, 1998). As médias térmicas anuais mostram-se em torno de 19,3°C, com máximas de 27,8°C e mínimas de 13,5°C. Ainda segundo o SEBRAE-MG, em 1997 o ICM do município foi de R\$5.025.593,15.

As atividades mais exploradas no setor agrícola são a cafeicultura e a produção leiteira, sendo as únicas que apresentam superávit em relação ao consumo. Os dados aos quais tivemos acesso, são de 1990, não tendo sido encontradas informações mais recentes. A relação entre produção e consumo desses produtos agrícolas encontram-se no Quadro 2.

**QUADRO 2 - Produção e consumo dos principais produtos agrícolas no município de Lavras-MG, 1990.**

PRODUTO	PRODUÇÃO (t)	CONSUMO (t)
Arroz	440,50	1.401,00
Feijão	437,02	934,40
Carne	1.368,82	2.336,000
Hortaliças	824,70	18.680,00
Leite	13.146.000,00	9.344.000,00
Ovos	594.666,00 dz.	834.285,00 dz.
Café	1.178,46	467,20
Milho	7.310,00	10.083,00

Fonte: EMATER- MG, ESLOC. Lavras, 1990

Segundo o IBGE (1996), Lavras tem uma população de 72.947 habitantes, sendo a população urbana de 68.155 e a rural 4.792. Nessa última 2220 habitantes são do sexo feminino e 2.572 do sexo masculino.

A comunidade de Itirapuã se localiza a 15 km da sede do município, sendo interligada pela rodovia BR-265 no sentido São João Del Rei. A comunidade é cortada por estrada de ferro, que já foi muito utilizada pela Rede Ferroviária Federal. A antiga estação de trem, em precárias condições, é hoje utilizada como salas de aulas anexas à escola da localidade. Além da escola municipal, conta com uma escola de ensino médio ligada à Igreja Adventista e uma Igreja Católica. Um campo de futebol é o local em que os moradores se encontram, principalmente aos domingos e dias de festas, que são quase sempre religiosas.

Delineado o local a ser estudado, na próxima seção será discutido a natureza e categoria da pesquisa.

## 2.1 Natureza e categoria da pesquisa

Optou-se por desenvolver esta pesquisa utilizando-se a metodologia qualitativa, a qual se justifica pela troca de conhecimentos entre pesquisador e população estudada.

Segundo Minayo (1995:p.25),

*“A pesquisa é um labor artesanal, que se não prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular”.*

A escolha de um local específico para a realização da pesquisa, com universo relativamente pequeno, vem de encontro à intenção de que este estudo assumira maior profundidade, abarcando as peculiaridades da cultura e da história local até chegar aos aspectos de hábitos alimentares. Assim, este estudo enquadra-se na categoria de estudo de caso, um dos mais relevantes tipos de

pesquisa qualitativa que se caracteriza por seu objeto ser uma unidade que se analisa em profundidade ( Triviños, 1987 e Yin, 1994).

### 2.1.1 Coleta e análise das informações

Para a condução do trabalho de campo, ocorrido entre agosto e novembro de 1999, foram realizadas visitas de reconhecimento do local, acompanhada de um morador. A coleta de informações foi feita por meio de entrevistas informais e semi-estruturadas, utilizando-se de roteiros, questionários e anotações. As entrevistas foram gravadas, para garantir a fidelidade das informações obtidas, e posteriormente transcritas. As famílias entrevistadas foram escolhidas em um total de onze. Algumas entrevistas e questionários foram feitos com a participação de mais de um membro da família, razão pela qual foi utilizada a simbologia (Fc&Mj), adequando-se o sexo com a letra "m" para masculino e com a letra "f" para feminino, e também idade de cada membro da respectiva fala. Dessa forma, evitou-se a interpretação de que o número de entrevistados fosse maior, pois considerou-se, para contagem, uma entrevista por família. Além das visitas programadas foram realizadas outras, incluindo as festas de Nossa Senhora e São Judas Tadeu.

A pesquisa qualitativa é dinâmica e exige constantes reformulações. Tanto a coleta como a análise das informações são etapas que vão se interagindo durante o desenvolvimento da pesquisa, por esta razão não foi pré estabelecido o número das visitas e nem de entrevistas.

As análises das informações foram feitas tomando-se por base a "Grounded Teory" discutido por Strauss e Corbin (1990). De acordo com esses autores, as informações devem ser organizadas em relatórios e transcrições que serão submetidos a uma minuciosa leitura. Desta leitura surgem associações identificando os elementos significativos para a pesquisa, e das análises resulta a identificação dos conteúdos e das diferentes dimensões perseguidas. Após essa

análise, os conceitos são organizados em categorias ou classes conforme interesse do pesquisador. Assim, se um mesmo conceito pertence a uma mesma classe é porque parece pertencer a um só fenômeno. Dessa forma, se procede repetindo-se o processo para chegar aos conteúdos finais.

Baseados nesta metodologia chegamos aos resultados expostos nos capítulos 3 e 4, apresentados a seguir.

### 3 BEBIDA NÃO É SÓ BEBIDA, COMIDA NÃO É SÓ COMIDA

Este capítulo descreve inicialmente como vivem os moradores da comunidade estudada e na seqüência apresenta os resultados da análise referentes ao processo alimentar dos produtores familiares. Para facilitar a compreensão, foi subdividido em cinco seções:

#### 3.1 População estudada: *“Muitos muda, fica muncado num lugar”*

A população estudada é formada por pessoas das cidades próximas de Lavras que, de uma forma ou outra, têm ou tiveram sua origem vinculada ao trabalho na agropecuária. É sentida pelos mais velhos a importância de permanecer no local onde nasceram.

*“Eu nasci na Tumbiara perto daqui no Rosário. Vim para cá com seis meses. Esses anos tudo fui criada aqui. Fui criada aqui, casei por aqui, criei meus filhos aqui, depois ganhei meu primeiro neto, depois casou meu primeiro neto, tudo aqui”*(Ag,f,78).

A saída do local é percebida como uma solução para as dificuldades da vida na roça, mesmo que não seja desejada. Os depoimentos a seguir falam daqueles que não puderam permanecer na roça e tiveram que se mudar. Hoje, a busca por um emprego e salário leva à migração dentro da própria região, na tentativa de encontrar uma vida melhor.

*“(...) muitos muda, fica muncado num lugar... a minha fia também foi lá pro lugar dela, tem o neném dela, não saiu. Criou os quatro fio dela lá”* (Ag,f,78).

*“Tem seis meses que eu moro aqui. Antes eu mexia com animal, fazia negócio, trabaiava com charrete, fazia frete, carregando esterco. De*

*servente. Só, só daqui mesmo de Lavras. Morava lá pra aquele alto da igreja*” (Oc&At,m,27).

Constata-se ser forte a percepção sobre o valor de cultivar a terra embora, atualmente, nem todos sejam produtores familiares.

*“Eu capinei tudo. Tem que plantar. Deus já deu a terra pra quê? Tem que plantar, nem que seja um muncadinho. Uma horta, a gente tem que plantar. Nem que a gente num pode mexer numa lavoura grande mas mexe com a pequena”* (Ag,f,78).

Alterações no modo de vida dessas pessoas ocorreram devido às mudanças nas atividades produtivas. A exemplo, pode-se citar o caso de uma fazenda que desenvolvia a agropecuária e passou a explorar o turismo rural por meio de um pesque-pague, ocasionando com isso a perda de vários postos de trabalho. A pesquisa também mostrou que não tendo onde plantar, os agricultores são obrigados a procurar outras alternativas para garantir o “sustento da família” como o “trabalho fora” do local da moradia.

*“(...) aí o Ja. acho que não quis consumir o encargo do Dr. Rv., né... num sei, aí ele falou que não tinha serviço pra todo mundo. Aí nós parou de plantar roça, parou de mexer com a plantação e o serviço ficou mais pouco né”* (Hm,f,50).

O trabalho fora é uma das alternativas que ajuda a resolver as dificuldades econômicas dessas famílias porque *“entra um dinheirinho para comprar coisas que a gente não pode ficar sem”*. O trabalho assalariado tem se tornado uma constante nos dias atuais na comunidade. Estas mudanças na vida dos produtores familiares levaram a uma modificação na estrutura familiar, pois comumente seus membros trabalhavam juntos e tinham suas atividades organizadas com atribuições para todos. “Meu avô era organizador”, exigindo o

trabalho de todos e a diversidade de atividades como garantia do sustento e da renda familiar.

*“Porque minha mãe dava aula, como ela não tinha jeito de ajudar meu pai, aí a gente ia pra roça, eu e meu irmão... Pra comprar, meu pai trabalhava. Ele plantava roça e trabalhava na fazenda. Plantava pra nós cuidá né? Tinha meu avô, meus tios. Plantava a plantação e deixava pra gente cuidar. Meu avô era organizador daquilo ali. Aí, quando não tava ajudando assim na roça, eu ajudava minha mãe na escola...Ele trabalhava para outros fazendeiros, ele fazia carro de boi, ele fazia casa. Ah, ele fazia assim de um em tudo, entendeu? Uma casa ele pegava ele levantava quase tudo sozinho com ajuda de uma ou duas pessoas só. Carro de boi ele fazia sozinho, precisa ver. [Madeira, tudo?] Madeira, tudo. Ele plainava aquilo tudinho, ele arrumava, plainava e encaixava tudinho. Quando terminava, era só o dono vir buscar. Entregava, recebia o dinheiro, aí era a renda” (Ac,f,47).*

Este depoimento retrata uma época em que o trabalhador rural produzia parte de seus bens de produção, como, por exemplo, o carro de boi. Existiam vários ofícios nas fazendas, muita mão-de-obra e parcerias. Hoje em dia, com a modernização da agricultura, este quadro modificou-se, levando as propriedades a serem totalmente dependentes do setor urbano-industrial. O transporte feito no passado pelo carro de boi foi substituído pelo trator e/ou caminhão, eliminando grande parte da mão-de-obra. O trabalho dos membros da família, quando em atividades não agrícola, já não agrega todos os seus membros como antigamente. Na falta de outras atividades ficam sem trabalho e sem remuneração.

*“As meninas só (trabalham) quando eles (patrões) tá aí e não posso ir. Aí, elas trabalhavam para mim. Elas me ajudam” (Ac,f,47).*

A aposentadoria é outra fonte de renda muito encontrada entre os entrevistados, mas como não é suficiente para a manutenção da família, ela necessita ser complementada por alguma outra fonte de renda.

*“Ele é aposentado por invalidez, sabe? Então ele mexe aqui no sítio. Tira um leitinho só pro gasto. Cuida da menina pra mim trabalhar” (As,f,42).*

*“Eu não tenho renda de nada, só a aposentadoria. Vou equilibrando. Que vale é: costuro um muncado, vendo umas coisinhas, dá um cadinho. Ai, dá 10 de um, 5 doutro, 4 doutro, 3 doutro. Inté que dá aquela quantia” (Ag,f,78).*

*“É elas [filhas] que têm ajudado, porque o dinheiro da aposentadoria dele não dá pra despesa” (Hm,f,50).*

O trabalho feminino sempre aparece para complementar a renda, mas é desconsiderado. A mulher não percebe a importância de seu trabalho dentro de sua própria casa e de seu salário vindo de sua atividade como empregada doméstica. O envolvimento de suas duas filhas tanto em casa como no emprego de doméstica é tido como ajuda. Além de realizar a maior parte do trabalho doméstico para a própria família, o trabalho remunerado da mulher também ajuda no processo de manutenção da família. A esposa, empregada doméstica na casa do patrão de seu marido, revela:

*“Quem trabalha aqui é só o Oc. Eu tenho o meu ordenado, mas aí eu tiro para elas [as filhas]. Eles não pagam pra elas não, elas me ajudam, mas eu tiro pra elas. O do Oc é separado” (Ac,f,47).*

Pela necessidade do trabalho aceitam-se quaisquer condições de trabalho e salário. De modo geral, percebe-se uma insatisfação quando se fala da remuneração. Os fazendeiros ou sitiantes são geralmente os empregadores, residentes em sua maioria na cidade, indo frequentemente à propriedade. A escola da localidade também oferece oportunidades de trabalho, principalmente feminino.

*“O salário é ralo, não é muito bão não. Eu tô achando muito pouco pra mim ganhar, entendeu? Porque a gente tem criança, tem que vestir, comer. Aqui, eu cuido das criação, das galinhas, dos cavalos, tem um cafezinho ali em cima também, vou mexendo devagazinho aí. Porque aqui eu sou pago para fazer de tudo. Servente, qualquer coisa eu tô fazendo” (Oc&At,m,27).*

O salário, muitas vezes, não corresponde à expectativa daqueles que conseguiram um grau maior de escolaridade. A escolarização de nível médio não proporciona melhores condições de acesso à profissão pretendida como era esperado e conforme as promessas das autoridades locais. Com a escolarização, busca-se um trabalho melhor, na cidade por exemplo, com uma melhor remuneração. Porém, o inverso pode ser observado, pois o trabalho rural também está sendo uma alternativa para o desemprego e o custo de vida elevado da cidade. Isto reforça o movimento de ida e vinda da roça.

*“Eu tenho meu diploma, já trabalhei 11 anos. A gente precisa trabalhar, precisa aceitar qualquer coisa. Ah, o salário é o comercial” (As,f,42).*

*“Agora, vim pra roça pra ver o que arrumo de novo (...) Igualzinho aqui, se a mulher for pra cidade mesmo, ela ganha a mixaria dela lá e eu a mixaria aqui. Eu tenho uns animalzinho aí. É mil vezes mior. Aqui, dá pra cuidar sozinho” (Oc&At,m,27).*

*“Nós viemos porque pagava aluguel em Lavras e ele ganhava só um salário pra manter as crianças com o leite, remédio, pagar aluguel, água, luz não tava dando. Mesmo que eu costurava, eu sempre gostei de trabalhar, mesmo que eu ganhava um dinheirinho da costura não dava pra manter” (Ac,f,47).*

Para complementar o salário, também são feitos alguns acordos informais entre trabalhador e patrão. Nesses acordos pode-se incluir uma casa de morada na propriedade e o “leite para o gasto”.

*“Só a casa (...) Posso plantar. Nós vai ver se planta um feijãozinho ali no café. E o que vai valer é isso, porque o dinheiro é só para comer só. O que vai livrar eu mesmo aqui é plantar umas coisas. Café, feijão, umas outras coisas aqui pra baixo, umas hortaliças e vê se vende em Lavras” (Oc&At,m,27).*

O trabalho absorve praticamente todo o tempo dos entrevistados que só o deixam em caso de “muita precisão” para tratar de assuntos relacionados à saúde, educação e para adquirir alguns bens de consumo. O pouco tempo que resta é gasto com lazer, que tem como atividades principais o futebol e a televisão.

### 3.1.1 Educação, saúde, transporte e lazer

A escola mantida pela Igreja Adventista tem exercido pouca influência na comunidade. A escola oferece ensino médio, mas as pessoas da comunidade não trabalham nem estudam lá. Apenas a feira de verduras da escola, que é realizada aos domingos, foi mencionada pelos entrevistados.

Por outro lado, escola municipal é antiga na comunidade e muito valorizada. Ela oferece curso de educação infantil (antiga pré-escola) e recentemente foi implantado o ensino fundamental, de primeira até a oitava série, o que é muito bem visto pela população, além de proporcionar emprego para algumas pessoas da comunidade. Embora a escola exista há muito tempo na comunidade, muitas pessoas não deram continuidade aos estudos. Entre os entrevistados foi encontrado alguns analfabetos, principalmente mulheres, pois para elas era mais difícil o acesso à escola.

*“Ele [marido] tem uma irmã que foi professora e já aposentou há bastante anos (...) esse ano já tá formando aí [8ª série]” (As,f,42).*

*“Eu tenho um arrependimento de não ter estudado. Eu nem sei por que eu parei de estudar. Eu saí e não quis voltar mais (...) A professora era ruim. Ia [à escola], mas não aprendia nada não. [Você não sabe ler?] Não” (Mj&Al,m,43).*

*“Estudei até terceiro ano. Aí, eu fiz um curso na quarta série com a diretora porque minha mãe era professora, não podia me dar esse curso. Aí, fiz com a diretora. Pra mim pegar o diploma eu tinha que ir pra Ingaí ou senão em Lavras (...) bobeira de me ficar segurando dentro de casa. Era só eu de mulher. Minha mãe arrumou com uma tia minha em Lavras pra mim ir pro convento. Minha tia arrumou tudo, minha avó não deixou eu ir. Falou pro meu pai assim: se você deixar sua filha sair de casa, cê me paga. O dia que minha tia foi me buscar ele não deixou eu ir” (Ac,f,47).*

*“Estudei em Lavras. Morava lá para estudar. Até a sétima, não gostava de estudar. Ficava lá para rua, matava aula, passear, fazer qualquer coisa, não gostava de estudar. Acabei não estudando nada” (Bv&Ed,m,35).*

Uma das dificuldades também exposta pelos entrevistados para frequentar a escola no passado era a falta de transporte. A comunidade é servida por uma linha de ônibus, o que possibilita o acesso daqueles que estudam e/ou trabalham em Lavras e vice-versa. Essa linha de ônibus é recente, sendo muito bem recebida pelos moradores. A dificuldade de transporte para os que moram longe dos pontos do ônibus ainda é muito sentida, pois para chegarem ao ponto de ônibus, ou a Itumirim, gastam até uma hora de caminhada. Os que não têm carro se utilizam da carona ou até mesmo da bicicleta para irem a Lavras.

*“Carro pra passar ali naquela estrada é a maior dificuldade. É que o patrão vem cá quase todo dia, né?” (Oc&At,m,27).*

*“É difícil pra mim sair de casa. Até pra mim ver minhas irmãs e meus parentes (...) ah, é só quando tem precisão mesmo. A pé, gasta uns trinta minutos (Itumirim)” (Mj&Al,f,30).*

*“Só quando tem precisão mesmo. Comprar ração, ir no médico” (Os&Ac,m,25).*

Mas, para os entrevistados que possuem carro, as idas a Lavras são mais frequentes. “Uma vez por semana é garantido” (Ie,m,52).

Fora do trabalho e das atividades de “precisão”, está o divertimento que para os entrevistados são a televisão, o futebol e as festas religiosas. A televisão é a diversão da maioria, com preferência pelos jornais e novelas. Além de diversão, a televisão é quase o veículo exclusivo de informação. Nas palavras de uma entrevistada, “muito se aprende dela tanto de bom quanto de ruim”. Não há uma só família que, ao ser inquirida sobre o que faz à noite, não responda que todos assistem à televisão. O verbo de ação já responde por si: assiste à televisão, conforme discutido por Giddens (1991) e Naves (1997) no capítulo 1.

*“Ah, o que a gente tem na roça é a televisão, né? Assim, pra distrair a noite é a televisão. Durante o dia não tem tempo não. O jornal, a novela é o que eu gosto” (As,f,42).*

*“Ah, tá meio zangada por falta de antena. Vi na Rádio Cultura como a televisão influi na pessoa, um rapaz falando que influi muito. Assim, se a gente vê algum produto, vai querer comprar igual. Mas, acho que influi mais é na criança, né. Aqueles filmes, de roubar, de matar (...) Os pais têm de apoiar, explicar direitinho como é que é. Tem criança que gosta mais é de vídeo game, nem é televisão” (Mj&Al,f,30).*

*“Final de semana aqui é movimentado. O pessoal gosta daqui, eles adora aqui. A gente junta um pessoal, uns amigos aí, meus sobrinhos, meus cunhados, a gente brinca [futebol]. Aqui é animado final de semana porque os outros irmãos meus foram todos pra cidade, né? Ficou só eu aqui e eles foi criado aqui, então gosta de fazenda. Chega final de semana vem pra aqui” (Of&Jm,m,45)*

O rádio é outro meio de comunicação muito utilizado pela população, sendo os programas sertanejos os mais apreciados.

*“Só via passarinho voando, nem rádio tinha. Assim que casei, custei pra ter um rádio. Comprei quando mudei pra cá. Tem só uns nove anos que tem rádio” (Os&Ac,f,60).*

*“Eu escuto, só de manhã, o caipira (...) As crianças liga na volta do dia, já eu, não, só de manhã mesmo, porque eu levanto pra arrumar eles. Ai tá aquele caipira ali, eu gosto. Dá oito hora também eu desligo” (Hm,f,50).*

*“É os dois. Rádio é o dia inteiro e televisão de noite” (Ie,m,52).*

A missa celebrada mensalmente na igreja da comunidade é mais uma oportunidade das pessoas se encontrarem. Nas festas religiosas, como por exemplo, a festa de Nossa Senhora, em setembro, a comunidade recebe muitos visitantes. A anfitriã desta festa também foi entrevistada. Ela segue o exemplo da mãe, que realizava a festa antes dela e já a faz por cinquenta anos.

A festa faz parte da vida da anfitriã durante todo o ano. Ao longo dos meses, ela guarda o dinheiro do seu trabalho como costureira, pede ajuda aos moradores da comunidade e também de pessoas de outras comunidades. Quando chega setembro, esse trabalho é intensificado. Em 1999, até uma reforma em sua casa foi feita para a realização da festa. Os preparativos finais começam uns quinze dias antes do último fim de semana de setembro, quando todo o material já foi adquirido e os voluntários se revezam numa escala de tarefas. Há quem venha de outras comunidades para ajudar e uma padaria de Lavras ajuda confeccionando alguns biscoitos. Como diz D. Ag., “o forno da padaria faz muito de uma vez”. Uma das comadres da anfitriã vem de Itumirim para ajudar no forno de barro, o qual exige muito treino para que as quitandas (pastelaria caseira, tais como: bolos, biscoitos, roscas e broas) fiquem boas. Algumas pessoas vêm para fazer as massas, outras para enrolar as quitandas e também cuidar da limpeza da casa. No dias que antecedem a festa a casa já está cheia e um almoço coletivo é oferecido para todos os envolvidos. No dia da festa, no domingo, o almoço é servido para os ajudantes e também para alguns

convidados especiais. Na parte da tarde há uma procissão até à igreja, onde é celebrada a missa, retornando até a casa da anfitriã, onde se faz uma reza e, logo após, é servido um café com quitandas. Para a criançada o café com quitanda é o ponto culminante. São servidas grandes quantidades e alguns levam para suas casas. Ocorre também um leilão para arrecadar dinheiro que é doado para a igreja.

Muitas pessoas comparecem à festa e existe uma preocupação em relação a substituição da anfitriã, que em 2000 completará oitenta anos, pois as filhas que poderiam substituí-la nesta tarefa não moram mais na comunidade.

Além desta festa, outra acontecida pouco antes do trabalho de campo, o casamento de uma moça da comunidade com um rapaz de Lavras, foi um acontecimento importante que ajudou a constatar mistura de hábitos rurais e urbanos. Observou-se que ao mesmo tempo que se mantém a tradição de se fazer quitandas para a festa de casamento, associou-se à festa o tradicional bolo com “champanhe” e também o churrasco.

A partir destas mudanças outras foram incorporadas no dia-a-dia da comunidade e que será exposto a seguir.

### 3.2 Mudanças nos horários urbanos e rurais

Atualmente os horários das refeições são diferentes daqueles usados na época em que a maioria dos entrevistados plantava manualmente e para o sustento. “De meio-dia assim” já era hora do café da tarde ou merenda, pois se levantava muito cedo para as tarefas do campo, retiro ou plantações. O horário do almoço variava entre 8 e 10 horas. Com a mudança nas atividades, as refeições também sofreram alteração de horário, reforçado pela escola, que acompanha os horários da cidade, entre 10 e 12 horas.

*“Eu levava a comida. De manhã, 6 horas, tinha o café. Tinha merenda, broa. Almoçava às 10 horas e meio dia tinha o café com merenda que eu levava. As 4 horas parava, ia para casa e jantava. Mais tarde tinha café com merenda de novo” (Mj&Al,m,43).*

*“Ah, minha fia, quatro e meia, cinco hora, tava todo mundo na cozinha pra arrumá, pra sai pra trabalhar (...) Ela [mãe] já fazia aquelas coiseras. Ali já tinha broa, biscoito de fubá, biscoito de farinha, já tinha rosca pronta, só o que não fazia era pão. Ela fazia aquelas roscas grandes de bicarbonato que eles falavam. Antigamente, que minha avó fazia tudo em quanto é coisa gostosa era com ela. Broinha de cuinha, Ela já fazia aquelas coiseras. Biscoito, aqueles sacos assim em cima do armário, lata, tudo. A gente levantava, o café já tava pronto. Tomava aquele café reforçado e ia embora pro serviço. Dez hora almoçava. Duas horas da tarde tinha merenda de novo. Depois jantava quatro e meia da tarde. Depois que a gente terminava de jantar; antes da gente jantar a mãe já punha a gente pra buscar água, né? A água era no ribeirãozinho, era como daqui no salão [20m]. Ela punha a meninada pra buscar a água. A gente carregava, enchia tudo, aqueles tamborzão grandão. Acabava de encher o tambor tampava . Ai, meu pai, se fosse por milho na moega do moinho pra moer, já tava com os balaio de mio já cascado pra gente debuiar, aí terminava (...) A água a gente carregava antes da janta pra num molhar, né? Ai, depois de todo mundo ter tomado banho, a gente jantava, minha mãe ia arrumar cozinha e a gente ia debuiar o milho. Nossa! Ai, a gente debuiava, minha mãe banava e nós ia ajudar meu pai levar no moinho. Levava no moinho, voltava. Ai se tivesse alguma coisa assim pra fazer, assim, por exemplo, socar arroz, arroz era socado no pilão; socar um café, né? É (...) por exemplo, meu pai fazia fumo pra vender, né? Ai, a gente ia estalar fumo até dá sono. Quando começava dar sono ela falava assim: pode deixar que amanhã a gente termina. Guardava aquilo ali, mais ou menos ali oito, oito e meia tava todo mundo cochilando já. Ai cochilava e ia dormir. Escolher feijão pra por no fogo. Ai, escolhia aquele feijão , colocava no fogo pra cozinhar. No outro dia, o feijão já tava pronto” (Ac,f,47).*

*“É onze horas porque de manhã só fica eu com ele e aquela pititinha lá. Então, não adianta fazer mais cedo. Já faço mais tarde um pouquinho porque na hora que as crianças chega [da escola] tá mais quentinha e já acha prontinho” (Hm,f,50).*

Antigamente, o que se comia nos cafés/merenda era o alimento direto com menos preparo, cozido ou frito, representando um alimento mais próximo à natureza. Além do café da manhã, o café da tarde ou merenda era imprescindível. Hoje os mais pobres ficam só com café, já os mais estabelecidos economicamente sempre têm merendas ou quitandas acompanhando tais cafés.

*“De meio dia assim papai gostava muito era de mandioca frita” (Ag,f,78).*

*“No café da manhã, quasis sempre é o café, o leite, pão, bolo ou broa. Depois, no almoço que é o arroz, feijão, uma verdura, uma carne quando tem. E depois, o jantar que é quasis que a mesma coisa do almoço” (Al,f,30).*

*“As vez tem dia que eu faço uma merenda. Tem dia que nem jeito de fazer uma merenda não tem. Ai, toma só o café mesmo (...) Daqui a pouco eu faço um café, dou café pra eles e eles espera [janta]. Porque se eu ficar só dando merenda eu não agüento” (Hm,f,50).*

*“A gente usa o café da tarde. É assim: o café da manhã, o almoço, o café da tarde e o jantar a noite(...)A minha esposa faz ai um biscoitinho de polvilho, faz uma rosquinha, uma broa de fubá, a gente compra pão também. Porque o pão é bom assim mais fresco, depois que passa já não fica bom. Ai, você tem que torrar, ele já não fica bom. Minha esposa faz quitanda no dia de sexta-feira” (Of&Jm,m,45)*

Muitos dos alimentos requerem mais preparo, receitas mais elaboradas, representando uma forma de alimentação cultural. As mulheres já não encontram mais tempo para fazê-los, esse é um dos motivos de preferir adquiri-los prontos ou semi-prontos. Essa substituição de determinados alimentos e as conseqüentes mudanças nos hábitos alimentares também desencadearam alterações nos utensílios de cozinha. Alguns foram mantidos, outros descartados e uma pequena parte mantida apenas para utilização esporádica ou em ocasiões especiais, como por exemplo, o forno de barro. No dia a dia, todos os equipamentos e utensílios de cozinha foram ganhando a forma do moderno, “facilitando a vida”, sendo encontrado entre os entrevistados inclusive o forno de microondas.

*“Eu tinha forno desse grande. Ainda tenho até hoje. Esse eu companho, meu pai e minha mãe. Ainda tenho o meu aqui no terreiro... Que eu faço terço [festa] (...) Faço broa, faço biscoito, bolachinha. Broa de fubá de moinho fininho com coalhada, leite, ovo. Igual ela [mãe] fazia antigamente. Porque, de primeiro, eu fazia quitanda pra mãe. Agora cê vê: eu com dez anos já mexia no forno. Ela punha, nós punha fornaia, mamãe tinha um fornão. Então, eu punha fogo no forno. Eu e mamãe massava. Depois, ela ia enrolando e eu ia enforando. Com dez anos eu já fazia isso. Faço até hoje” (...) Hoje o povo não gosta de fazer uma comida” (Ag,f,78).*

*“Ai, era aquele comidão gostoso, fogão a lenha” (Oc&At,m,27).*

*“Eu preparo o café e aí arrumo pra eles aí. Eu já deixo na marmita; Eles esquentam no microondas. É, deixo nas marmitas, é mais fácil” (Of&Jm,f,42)*

Devido a estas alterações e às inovações tecnológicas, aos poucos incorporadas pelos entrevistados, o processo alimentar foi modificado, o que será visto com mais detalhes na próxima seção.

### 3.3 Culinária aprendida e ensinada: o dia-a-dia

O aprendizado das preparações dos alimentos começa cedo na própria família. Desde criança, a menina é levada às tarefas consideradas próprias de mulher, “ajudando a mãe em seus muitos afazeres”. Aprender a cozinhar é uma das primeiras lições a serem “aprendidas pelas meninas”, tanto em suas brincadeiras como ajudando a mãe. Tanto o trabalho de preparar o alimento como “as lidas da casa” são tarefas femininas e acompanham a mulher até o fim de sua vida, como se pode constatar nos seguintes depoimentos:

*“É com seis anos que eu comecei. Eu já fazia o que mamãe mandava (...) Eu é que faço a comida até hoje” (Ag,f,78).*

*“Comida faz na janta. Dá pro almoço e janta. [É?] Porque ficar toda hora na beira do fogão é brabo. Só mulher mesmo. Tem hora que (...) cê sabe, eu fiquei aqui, eu e um rapaz. Eu é que fazia a comida, o rapaz não sabia fazer comida não. Ah, tem dia que cansava. Nós ir mexer com um brejo, roçar pasto, fazer essa cerca. Mexer com esse negócio não, fazer o rango aqui é demorado. Ah, falei, Nossa Senhora, não agüento não” (Oc&At,m,27).*

A mulher faz a comida sempre do jeito que o homem gosta e escolhe o cardápio de acordo com o gosto dele. A carne é muito valorizada e revela, de certa forma, o status da família. Principalmente nas festas, a carne não pode faltar. A família tinha sempre um porquinho no chiqueiro e galinha no quintal para preparar na hora de uma visita inesperada. Nas conversas informais e nas entrevistas a carne é citada, em primeiro lugar, denotando sua importância na composição do cardápio e na posição social. Isto pode ser um indício do poder aquisitivo das famílias que consomem carne regularmente, devido ao seu elevado custo, embora os depoimentos não evidenciem com clareza seu uso diário.

*“Meu pai não comia sem carne... Quer dizer, engordava, criava porco, comia carne diária. Tinha que ter um pedacinho de carne, um macarrãozinho com uma massa, uma verdura que ele gostava muito, uma salada... Toda vida, o povo fala assim, gente antigo foi criado com muita fartura, criou mais forte. As pessoas falam 'com a idade da senhora não era para a senhora fazer o que a senhora faz' ... Porque assim... eu nunca comi assim sem carne” (Ag,f,78).*

Embora em alguns depoimentos tenha sido identificada a expressão “eu como de tudo”, as informações e observações mostram o contrário. No dia-a-dia, observa-se que a verdura é usualmente substituída pela macarronada.

*“Come de tudo. Normalmente a gente já planta [hortaliças] aquilo que gosta e pode se dizer que gosta de tudo porque planta quase que de tudo (...) verdura sempre é bom fazer na hora. Pra guardar já não é bom. Ai, eu gosto de fazer uma macarronada” (Of&Jm,f,42).*

*“Carne é uma vez ou outra. Uma por mês. Eu não ligo muito pra carne não (Mj&Al,f,30).*

O cardápio é constituído predominantemente de hidratos de carbono presente nas massas. Assim, observou-se a falta de proteínas, vitaminas e sais minerais na alimentação diária. Os entrevistados consideram a carne como sendo rica em “vitamina e boa para saúde” e por esse motivo não pode faltar, mesmo que seja em pequena quantidade. Por outro lado, isso já não acontece com verduras e frutas, pois são pouco consumidas na comunidade. Antigamente, o cardápio era basicamente o mesmo, diversificando-se a forma de aquisição e de preparo.

*“A muié não come sem carne de jeito nenhum” (Oc&At,m,27).*

*“Comer sem carne é chato. Ah, só quando sobra dinheiro, só um pedacinho para tirar o gosto mesmo” (Oc&At,30).*

*“Arroz, feijão, angu e uma mistura, né?. Uma carne de vez em quando. Mas a carne hoje tá cara e a gente é pobre. Não é todo dia que tem. A mistura sempre tem: um macarrão, uma batata, uma verdura” (As,f,42).*

*“Era arroz, feijão, angu, abóbora” (Mj&Al,m,42).*

Para eles, verduras têm pouca importância no cardápio. Mesmo admitindo o gosto por elas, são muitas vezes substituídas por uma “mistura” constituída basicamente por hidratos de carbono. Uma das dificuldades para o consumo das verduras pode ser também a dependência da forma de aquisição: a compra. Antes, as verduras eram cultivadas no quintal e também muitas eram

nativas, encontradas pelo mato, no meio dos cafezais e na própria horta, como era o caso da serralha, taioba, beldroega e outros.

*“Se achar serralha no café não uso, por medo dos remédios” (Ag,f,78).*

*“Faz [verdura] um dia falha outro (...) Gosta de alface (...) Planto couve, mas eles come mais pouco (Os&Ac,f,60).*

*[Criança] só arroz-feijão. Não come verdura. Carne também não ” (Bv&Ed,f,30).*

As frutas também não têm importância na alimentação, adquirindo maior significado nas relações sociais, “para fazer um agrado” e em época de safra vão até a casa de vizinhos para comer a fruta no pé. O suco industrializado é visto como “uma novidade que antes não existia”. O suco natural não é considerado fruta, pois a limonada de antigamente é desconsiderada como suco. Ao serem interrogados sobre uso de fruta respondem que a ingerem “só no suco de pacotinho”, como, por exemplo sabor de abacaxi.

*“Um suco, assim, de limão. De primeiro, nem suco num tinha, era limão” (Ag,f,78).*

As frutas são consumidas em pequena quantidade, restringindo-se às de época, pela facilidade de obtenção. Na entressafra, geralmente não se come frutas. Em alguns casos, elas também são utilizadas em substituição às verdura ou transformadas em doce. O mamão maduro, que cai do pé no quintal, não é consumido, pois pouca importância é dada ao valor nutricional das frutas.

*“ (...) [Quando não é época] fica sem [fruta]. Às vez tem alguma atrasada, a gente apanha” (Os&Ac,f,60).*

*“Aí, na horta tem mamão, então faço mamão refogadinho. Fica uma delícia” (Mj&Al,f,30).*

*“Precisa plantar [fruta]. Até fruta tem que comprar: mamão, banana. Aqui ainda tem muita coisa: jabuticaba, manga, limão tem demais”* (Bv&Ed,f,30).

O que se verifica atualmente é que o cultivo de hortas e pomares não é mais uma constante na comunidade. Esta realidade associa-se à ausência da preocupação relativa ao consumo de verduras e frutas. No entanto, ao deixar de consumir e produzir tais produtos, o efeito negativo vem em dose dupla: reduz-se o nível de qualidade da alimentação e a possibilidade de obter ganhos na comercialização, o que segundo Vilas Boas (2000) possibilitaria a melhoria da qualidade de vida de uma comunidade, não só pela geração de emprego e renda, mas pela minimização dos problemas sociais.

O leite é um alimento que faz parte da vida dos entrevistados, embora a prioridade seja “para ser comercializado”, gerando renda e emprego. Do ponto de vista alimentar, é considerado alimento para criança, principalmente pelos mais pobres. Os trabalhadores empregados nas propriedades, normalmente têm direito a uma pequena quantidade do leite: chamado “leite só para o gasto, só as crianças (tomam)” (Mj&Al,f,30). O leite ainda pode ser consumido na forma de “leite com angu”, usado logo após as refeições e talvez podendo ser o substituto da sobremesa.

Vale a pena destacar a importância do angu no cardápio diário. Ele não pode faltar, o que não acontece com o feijão, pois dependendo do preço e do poder aquisitivo, fica de fora. O angu consumido diariamente pela população é um cozido a base de fubá e água. Segundo Melo (1964:p.166), “o angu era o pão cotidiano das classes trabalhadoras, sendo nos algodoais o almoço dos escravos, que o comiam com açúcar escuro ou melado”. Acrescenta Peckolt, citado por Melo (1964:p.166), que o “pão de milho era considerado por muitas pessoas como mais nutritivo que qualquer outro, mormente para o trabalhador no pesado”.

*“Eu faço arroz, feijão, angu. Quando tem uma verdurinha, eu faço. [Faz angu todo dia?] Anrã...aliás o feijão tem dia que eu não faço não” (Mj&Al,f,30).*

*“A menina não fica sem o angu de jeito nenhum. Ela gosta mesmo. Eu faço todo dia, ele também gosta (Oc&At,f,30).*

*“Eu adoro angu com leite, eu acho gostoso. Tem gente que tem vergonha de falar, mas eu não tenho não. Eu tenho até é orgulho de falar porque minha família, meu pai, meu avô, tudo usava. Então, vem passando de geração pra geração. Então eu gosto muito, tem que fazer todo dia, no almoço e na janta também” (Of&Jm,m,45)*

*“Ah, esse [angu] é todo dia. Lá em casa até ficou esse defeito. Acostumou demais comer angu. Nunca vi povo para comer angu assim. [Defeito ou qualidade?] Eu acho qualidade. Aqui em casa é essa daí, essa também não come sem angu de jeito nenhum (Ie,m,52)*

Observou-se que o consumo do melado e da garapa é quase nulo, tendo sido substituído pelo açúcar branco e até mesmo pelo adoçante, o que acarreta perda do valor nutritivo.

*“Nóis não fazia café com açúcar, fazia com garapa. A tarde moía a cana, fazia aquela porção de garapa. Punha no tacho, senão no panelão de 30 litros, engrossava bem aquele melado, deixava pronto para fazer o café na hora que precisava. Açúcar, antigamente, era só para uma hora de visita. O doce que a gente usava era da cana-de-açúcar. Minha mãe fazia muito doce de leite com garapa. Ia apurando aquele melado, quando tava bem apurado vinha com o leite, continuava apurando fazia o doce. Mas era uma delícia. Fazia arroz doce de melado, fazia doce de mamão, doce de côco com melado (Ac,f,47).*

O padrão alimentar familiar é aprendido e repetido a vida toda, alterando-se porém as formas de aquisição, preparo e armazenagem. O abastecimento da casa é quase que exclusivamente feito nos supermercados, quase todos entrevistados os mencionam com grande ênfase.

### 3.4 O SUPER mercado

As compras são feitas mensalmente, a maioria em Lavras, e algumas “coisinhas para esperar o mês” são adquiridas em uma venda da comunidade. As compras são feitas tanto pelas mulheres quanto pelos homens, alguns homens levam a lista feita pela esposa. Apesar desta lista ser preparada pela esposa, observou-se que a decisão final no processo de compra é do comprador, como discutido por Hirsch (1997:p.69): “quem quer faz, quem não quer manda”. Com base nesse ditado popular, este autor explica que quem determina o cardápio é quem compra. Quem não compra fica exposto a uma alimentação que o outro decide por ele. Quando não é você que faz a escolha, perde a chance de saciar-se daquilo que realmente seu organismo está pedindo. O organismo sabe do que ele necessita. É importante ter um equilíbrio entre o desejo requerido pelo organismo e a necessidade orgânica. O primeiro pode levar a doenças carenciais e o segundo pode privar o “prazer do gosto”.

*“Hoje eu compro tudo em Lavras. Eu vou lá, recebo, meu fio compra. Eu num falo nada. Ele já sabe tudo, já sabe minha base. No primeiro dia que ele começou eu expliquei. Eu fiz lista, dei a lista pra ele. Ele pôs na cabeça, agora não precisa falar nada” (Ag,f,78).*

*“É mais só o pão memo que compro aqui na venda. Compro em Lavras uma vez por mês. Sempre quase todo dia três, né?” (Al,f,30).*

A compra mensal é baseada no consumo de quantidades adquiridas com a prática e conjugada ao orçamento, o que pode acarretar a falta de algum alimento no cardápio nos dias que antecedem à próxima compra, resultando em uma menor variedade na alimentação e mesmo a diminuição da quantidade.

*“Compra pro mês. Se faltar eu espero” (Mj&Al,f,30).*

*“Faço por mês. Eu vou lá em Itumirim no dia de fazer compra e faço a compra. É por isso que a gente fala que morar aqui não tá adiantando porque a gente compra de tudo, mesma coisa de morar na cidade (...) antes nós não comprava arroz, feijão, milho. Agora, a gente tem que comprar tudo isso. [A comida] é a mesma coisa, só que é comprado. Hoje tudo é da venda, né? Eu compro, às vez, o dia que tô com um dinheiro a mais, dois fardo de arroz e dois de açúcar (...) Tem que dá pro mês. Ai, faz essa compra, depois as outras que precisa. Ai, já vem comprano mais pouco. Compro arroz, feijão, macarrão, compro gordura de porco porque óleo eu não gosto muito de usar o óleo. Tem um rapaz que tem açougue em Itumirim que mora em Itirapuã, aí eu compro dele” (Hm,f,50).*

*“Arroz, feijão, só o que precisa mesmo. Assim boberada, lataria eu não compro não. Isto sai muito mais caro se for comprar. Quando você vai ver lá, aí passou. Aí, compra mesmo só as coisas que agente gasta. O arroz, o feijão, fubá” (Oc&At,f,30).*

Como se pode observar, o supermercado passou a ser considerado como fornecedor de alimento e de bens usuais, em substituição à produção própria. A população expressa um nível variável de consciência em relação a essa nova forma de aquisição de alimentos. Para alguns, embora a vida tenha sido facilitada, a mudança da roça e da horta para o supermercado também significou perda de qualidade alimentar. É uma mudança prejudicial, sobretudo no prazer de produzir em casa, representando “a fartura”. Outros não têm essa percepção. A viagem dos alimentos do campo para a cidade e o retorno como produto beneficiado e empacotado também têm significados diferenciados para os entrevistados. Até a merenda escolar comprada no supermercado pode ser vista como fresquinha, mostrando a boa aceitação da mudança.

*“Hoje, o governo manda o dinheiro e a coordenadora compra a merenda fresquinha no supermercado” (As,f,42).*

*“Ela [mãe] comprava era o macarrão, um açúcar pra quando chegasse uma visita diferente, né? Remédio pras crianças, coisinhas, miudezas, sabão. O pesado mesmo era em casa. Engordava porco, não precisava*

*comprar gordura. Ah, era assim a banha de porco, o frango... era muita fartura. A farinha de mandioca mesmo, não comprava farinha de mandioca, fazia. O dia que nós tirava pra fazer farinha de mandioca fazia dia inteirinho. Ficava (...) Tinha assim o polvilho. O polvilho também nós num comprava, era feito. Ah, era bom demais. Manteiga, a gente batia manteiga assim em casa porque tinha duas vaquinhas. O dono da fazenda tirava a nata do leite e dava pra gente. A minha mãe batia a manteiga caseira. Muito pouca coisa que comprava. É isso que eu tô falando pró cê: um macarrão, o remédio, o açúcar. A carne e a banha era em casa. Era muito pouca coisa. Latas de bala comprava, Balas Santa Rita. Ela comprava latas de bala, barra de doce de leite grandão. Aquilo era pra deixar guardado. Ela gostava de comprar essas coisas. Era muito pouca coisa e roupa“ (Ac,f,47).*

*“O básico a gente sempre tinha. A gente comprava mais era o açúcar, trigo essas coisas assim que a gente não produzia em casa. Uma grande parte era produzido” (Of&Jm,m,45).*

O alimento produzido no local já perdeu seu lugar para o alimento vindo da cidade, de mais fácil aquisição, “menos trabalhoso” para produzir e até para preparar. A galinha passou a vir morta da cidade, facilitando a tarefa de abater, depenar e seu cozimento é menos demorado, pois a galinha de granja é mais adequada para o fogão a gás e para a preparação rápida que todos procuram hoje.

*“Hoje tem um açougueiro que passa aí. Ele traz uma carninha pra mim. Eu ponho na geladeira e vou fazendo uns pedacinhos. Uma hora é de vaca, outra hora é de porco, outra hora é de frango, outra hora é lingüiça e salsicha (...) Galinha caipira eu não gosto. Só como frango de granja. Enjoei de galinha caipira. Tudo eu compro” (Ag,f,78).*

Tanto a carne do açougue quanto o frango da granja vieram facilitar o preparo e, ao mesmo tempo, retirar o trabalho, pois já não se cria o animal para transformá-lo em alimento, perdendo com isso a possibilidade de transformar o excesso da produção em renda para a família.

### 3.5 Buscando o “melhor” e perdendo valores

A pesquisa revelou que a introdução da farinha de trigo na dieta dos entrevistados aconteceu há, aproximadamente, vinte anos. “As quitandas eram feitas com fubá e polvilho”. Uma das explicações para as quitandas serem de trigo pode ser o fato de as mesmas se conservarem por mais tempo, uma vez que hoje já não se encontra tempo para preparar o alimento todo dia.

*“Alguns anos atráis eu num alembro de trigo no meu tempo não. O povo mexia muito era com polvilho. O trigo memo é de pouco tempo pra cá. Ah, tem uns 60 anos que me lembro que eu usava polvilho. Quando meu marido era vivo eu num usava trigo não. Fazia assim um bolo de fubá” (Ag,f,78).*

*“Hoje já compra bem coisa. Ainda faz [bolo de fubá], mas usa muito bolo de trigo. Eu acho que isso [uso do trigo] aí já tem em torno de vinte anos garantido. Depois que eu tô aqui já era trigo. Naquele tempo não ouvia falar, era só biscoito de polvilho e as broas de fubá (...) Usava muito pamonha enrolada na folha de bananeira” (Ie,m,52).*

*“Eu faço pão de queijo, biscoitinho, rosca e aquelas bolachinhas. Eu faço de polvilho e trigo, o fubá é só de vez em quando. O pessoal não gosta muito não. Só se for uma broa, assim, feito na hora. Pra guardar as de trigo e polvilho é melhor, conserva mais. Minha mãe usava muito o fubá e as quitandas que fazia naquela época usava muito o fubá (Of&Jm,f,42).*

O fubá, ainda muito usado principalmente pelos mais pobres, chega a ser comprado na mesma proporção do arroz e feijão. A substituição do fubá pelo trigo vem acompanhada de perdas múltiplas, no sentido de que há maiores gastos para aquisição do último, e o fubá perde seu valor na cultura da região.

*“Bolo de fubá mesmo (...) Eles gosta, né? E o fubá, pra mim, é mais fácil, rende mais. As vez costuma comprar [trigo] um pouco, mas é mais pouco. [Gasta] fubá dez quilos, feijão dez quilo também. [Dez de tudo?]*

*Não, macarrão é mais pouco. Ai, eu compro uns dois pacotes...é num domingo, às vez não precisa de comprar, que as meninas vem e traz pra mim” (Hm,f,50).*

*“Comprava o trigo também. Mas, naquele tempo, na roça, usava mais era o fubá. O fubá era mais fácil” (As,f,42).*

*“No tempo da minha mãe era muita broa de milho, fazia todo dia. Naquele tempo também nem na cidade vinha, tinha que fazer tudo que tinha [produzido em casa]” (Ie,m,52).*

Poucos são aqueles que continuam a usar o fubá e o polvilho. A farinha de trigo realmente tomou lugar desses importantes alimentos brasileiros. A maioria das pessoas quer usar uma farinha de trigo branca, quanto mais branca melhor. Porém, elas não sabem que assim desprezam o melhor do valor nutritivo do trigo. Para se produzir uma farinha de trigo branquíssima, se retira dela o farelo, de grande valor nutritivo, tanto que animais que dele se alimentam ficam saudáveis e logo rendem bons quilos para seus donos. Dessa forma, a farinha de trigo alva fica desprovida das substâncias nutritivas, como as vitaminas do complexo B, restando nesta farinha apenas substância “morta e vazia” (Hensel, [198-]).

A substituição do moinho d'água pelo elétrico também é sentida como uma perda na qualidade, do sabor original, das quitandas de hoje. Essa mudança é explicada, em citação de Melo (1964), no capítulo 1, pela queima das vitaminas e outros elementos.

*“Fazia assim um bolo de fubá. Moía no moinho d'água. O moinho d'água fazia uma broa que era uma beleza. Dava uma liga boa. Eu ainda punha mais ovo, botava coitada, nem num precisava de trigo. [Hoje o povo põe trigo no bolo de fubá]. Põe trigo no meio, pois é! Por causa do fubá comprado, moinho a força, num dá liga. O trigo dá muita liga, pois é, o trigo dá a liga pro fubá” (Ag,f,78).*

*“Porque o fubá a gente compra no moinho a motor, aí não fica muito bom não, né? É, pra quitanda, tem que ser fubá de moinho d’água. Aí, quase que não uso o fubá” (As,f,42).*

Alguns entrevistados já têm noção do que se pode ou não comer, mesmo que não sigam sua sabedoria. Assim a importância da horta é citada pela população estudada como sendo de grande ajuda na alimentação, mesmo que não seja muito diversificada. E ainda foi observada mais importância em se ter uma horta do que fazer uso das hortaliças. Também existe entre os entrevistados a preocupação com a ingestão de grande quantidade de colesterol, principalmente encontrado no ovo.

*“Eu vou lá, pego 2,3 [ovos]. Também não pode comer muito ovo também por causa do colesterol. E ovo de galinha caipira é forte, né? Comer ovo todo dia, Nossa Senhora! Igualzinho essa menininha minha. Ela gosta de ovo demais, mas não pode deixar. Se deixar ali, quer toda hora (...) Igualzinho quando eu vim pra cá, não tinha nada. Nossa Senhora. Aí, eu fiz essa hortinha, até que ficou boa. Lá vai levando (...) Agora tá bom, fazer o quê. A gente comendo arroz com feijão tá bom demais. Um anguzinho porque não pode sem, uma couvinha. Ah, só alegria” (Oc&At,m,27).*

As discussões feitas neste capítulo proporcionaram elementos para afirmar: “Comida não é só comida, bebida não é só bebida” podendo também relacioná-lo com o estudo de Woortmann (1986), para quem alimento é mais que a simples reposição de nutrientes para produção de energia. Assim sendo, no próximo capítulo será apresentado um estudo do alimento no contexto da produção agropecuária, suas implicações e seus pontos reflexivos.

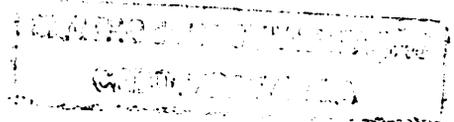
## 4 DA ENXADA PARA A BALANÇA

Neste capítulo faz-se uma discussão, em primeiro lugar, sobre o tempo em que a enxada era o instrumento ligado diretamente à produção do alimento. Para produzir os alimentos dependia-se do trabalho feito com a enxada, pouco se consumia que não fosse produzido pela própria família. Por outro lado, discutimos o “tempo da balança”, que pretende analisar o consumo do alimento comprado, assim como também a vida de hoje que fala da busca de equilíbrio no cotidiano dos produtores familiares de Itirapuã.

### 4.1 O tempo da enxada

Os entrevistados falam muito da fatura de antigamente, da época em que plantavam e colhiam. Relatam que pararam de plantar há aproximadamente vinte anos por redução da disponibilidade de terra e dificuldade de acesso às condições de produção. Dessa forma, a comunidade de Itirapuã apresenta características similares às descritas por Graziano da Silva (1982:p.128): “apesar das situações concretas mostrarem uma complexidade e multiplicidade de formas de pequenos agricultores, ou camponeses, como os estamos denominando, é possível unificá-los numa mesma categoria de análise na medida em que dispõem de condições insuficientes - terra ou instrumentos de trabalho - para reproduzir a sua unidade familiar”.

Cada um dos entrevistados falou do motivo para deixar de plantar e observou-se que eles têm uma vaga percepção do que realmente aconteceu: a perda do direito ao uso da terra. Segundo Abramovay (1999), apesar de todos os problemas das trezentas mil famílias assentadas, o acesso à terra foi, na



realidade, a premissa básica para a melhoria das condições de vida dessas famílias assentadas.

*"Ah! Plantava! Papai plantava muito, criava porco, tinha vaca, cavalo, tinha muita galinha. Muita galinha no terreiro. Guardava carro de milho, tinha às vez, cinco ou seis carro de mio. Colhia muito arroz, muito feijão. Só sei que tinha muita fartura. Hoje, não. O que eu tenho é essa casinha, esse lote. Tenho é só isto mesmo (...) Quando casei plantava. Continuei a mesma coisa. Nós parou de plantar porque ele morreu. Tem 20 ano que ele morreu. Plantei ainda dez anos, continuei plantar, eu sozinha. Plantava arroz... não, arroz plantava não. Plantava mio, feijão. Coia..., plantava sozinha [sem o marido]. Arranjava camarada para me ajudar, porque meus fio casou tudo. Ficou só esse. Esse era empregado na fazenda, não podia sair. Então, eu plantava sozinha, mas dava para colher porque eu arranjava gente para me ajudar. Quando o mato tava muito grande, eu arranjava gente. Quando num tava, eu capinava. Eu sei que trabalhei muito nessas fazendas aí. Criei nessas fazendas. Fiquei por aí memo" (Ag,f,78).*

*"Olha, quando eu casei, tem 22 anos que eu casei. Ah tem uns 20 anos mais ou menos que eu não vejo mais assim. Mas o meu pai continuou plantando. Tem uns 15 anos que ele morreu, deve ter uns 18 anos que parou de plantar" (Ac,f,47).*

A experiência resgatada nas falas abaixo mostra que uma das formas de produção se baseava na parceria. As famílias utilizavam-se das terras do fazendeiro para quem prestavam serviços e nessas terras moravam ou então tinham seu pequeno pedaço de terra, que não era suficiente para sua sobrevivência. Plantando na sua terra, mais a plantação na terra cedida, mesmo dividindo a produção, havia fartura. Além desta fartura, tanto mencionada pelos entrevistados, a plantação garantia o conhecimento da origem do alimento que iriam consumir.

*"Tudo a meia, toda vida minha vida foi. Plantava a meia, nunca que tinha terra que dava para nós plantar, né? Plantava nas terra dos*

*outros. Então nós cóia, tirava a meia, né? Arroz, se desse uns 20 alquere, 10 nosso, 10 do patrão. Feijão, se desse 10 alquere, 5 nosso, 5 do patrão (...) Nós morava no terreno. Papai plantava no terreno que nós morava. Era fazenda, mas nós tinha aquele pedaço de terra. Podia plantar o que quisesse, eles não importava não. Então, nós plantava mandioca, batata, batatinha, tudo o papai plantava, quer dizer: repolho, couve, cebola, era muita coisa. Tinha mandiocal, pedaço grande de mandiocal que ia embora. Papai plantava muito. Ele gostava muito de fartura” (Ag,f,78).*

*“Eu não sei, pelo menos aquilo que é produzido na roça, você tem certeza daquilo que está comendo e hoje tá comprando quase que de tudo mesmo. E tá comprando quase que de tudo todo mundo da roça. O povo tá deixando de plantar mesmo” (Ie,m,52).*

Jesus (1993:p.2), citando Sorj e Wilkinson, informa que o processo de modernização da agricultura gerou uma “massa de pequenos produtores pauperizados”. Mesmo os que não têm onde plantar falam da falta que faz ter uma plantação para complementar a alimentação e também da obrigação de cultivar a terra, uma vez que é doada por Deus. Nesse sentido nos esclarece Brandão (1994.p.26): “a terra e os seus elementos não são uma coisa, mas um Dom; tudo o que existe e é dado ao homem estabelece a obrigação de uma reciprocidade que dissolve a dualidade entre natureza e a sociedade e que se atualiza continuamente por meio de trocas de parte à parte; a terra não é somente um lugar, mas um tempo realizado de símbolos e de memórias”.

*“Eu fico boba. Tem muita gente que pode plantar, mas não tem nada. É tão ruim assim. Acho, por causa que eu fui criada com muita fartura. Eu não imagino, quando eu chego num lugar assim que não tem as coisa. Não tem uma cebola, não tem um nada. Eu fico preocupada com aquilo. Foi mudando. É isso mesmo. Ainda falo: o povo hoje num é como o povo antigo mais. Ah, mudou muita coisa. O povo não gosta de plantar. Tem que plantar. Deus já deu a terra pra quê? Tem que plantar, nem que seja um mucadinho. Uma horta, a gente tem que plantar. Nem que a gente num pode mexer numa lavoura grande mas mexe com a pequena” (Ag,f,78).*

Além de criar uma classe de produtores pauperizados, a mudança na agricultura veio impor o uso de novas tecnologias que evidenciam ainda mais essa diferenciação. Antigamente a produção dependia do trabalho manual, da enxada, do uso de animais e era realizada pela família.

*"Plantação era assim. Arava com arado, né? Com boi. Arava... depois vinha a plantação que era covado com enxada, depois vinha adubo, semente, aparpava... tudo com os pés. Era... Juntava uma turma de oito a dez, depois mudava plantava pro outro. Era assim de turma em turma até plantar pra todos. Ia trocando até a plantação começar a nascer, aí eu já num ia mais... Eu ajudava a capinar o arroz, né? E a plantação de arroz era diferente. Era assim, depois que arava, eles vinham com o tronco de madeirite, puxava com boi, para a terra ficar planadinha para plantar o arroz. Era covinha, distância assim de dois palmos, como que meu avô falava. Plantava de punhadinho em punhadinho, até terminar tudo. Gastava semanas para plantar arroz... Plantava arroz, plantava milho no meio, plantava feijão. O feijão solteiro era plantado só o feijão. Quando plantava o milho e o feijão junto, ali quando o milho tava deste tamanho assim [mostrou o tamanho de mais ou menos um metro] o feijão já tava no ponto de rancar. Mas isso aí foi bom demais porque a gente aprendeu tudo" (Ac,f,47).*

*"Era só os de casa mesmo. Meus irmãos ainda continua trabalhando. Meu pai hoje já é bem adoentado não vai na roça mais não. Mas, os meninos planta pro gasto. Não precisa nem comprar mantimento. Eles sai do Macuco a pé todo dia, vai lá planta e o caminhão vem cheio. Meu pai tem um sítio lá na beira do Rio Grande" (As,f,42).*

O uso da enxada revelava a relação direta entre o produtor e sua colheita, que significava para ele alimento e sobrevivência. A produção era destinada ao consumo da família e para plantar no ano seguinte, apenas o excedente podia ser vendido para atender uma necessidade ou suprir alguma despesa extra. Todas essas alterações mencionadas implicaram na aquisição do alimento "fora", nos supermercados e na modificação da relação que existe entre os produtores familiares e as famílias urbanas. Hoje os hábitos alimentares e as

formas de aquisição dos alimentos nestes dois contextos são bastantes similares. Esta mudança é exatamente um dos objetos de estudo desta pesquisa.

*“Ah, que era na enxada tem uns 50 anos. Quer dizer, quando meu marido morreu. Mais que nois compramo é depois que meu marido morreu. Antes nós plantava. Depois que ele morreu que nois passamo pra balança. É, tem 20 anos que ele morreu” (Ag,f,78).*

*“Era tudo pra uso, usava o ano inteiro. Aquilo dava pro ano inteiro. Ainda sobrava porque quando a gente começa a plantar tirava daquele anterior para plantar. Daquele produto que colhia a gente tirava semente. Plantava arroz, feijão, milho, abóbora. Abóbora era em carro de boi que a gente carregava. Era muito, coisa muito mesmo. Plantava pipoca, mandioca, batata doce, batatinha, cana-de-açúcar, isso tudo era plantado (...) Quando meu pai via que dava pra sobrar, ele vendia. Tirava o do gasto, tirava semente ainda sobrava. Às vezes aparecia alguém que precisava ele vendia um pouco, mas não era assim de colher aquilo e vender numa vez. Se ele visse mesmo que dava pra perder, se fosse pra perder, aí ele não deixava. Ele dava também pra pessoa que não tinha. Pessoa que precisa de comprar ela doava saco de feijão, saco de milho debuiado” (Ac,f,47).*

De acordo com as observações, o milho pode ser considerado um dos principais cultivos dos produtores familiares de Itirapuã há muitos anos. Tinha a dupla função de alimentar os animais e produção do fubá, de grande aceitação pela população daquela época principalmente.

*“(...) Mais era para criação e para fazer broa de fubá, né? Mais era galinha e porco” (Al,f,30).*

Alguns entrevistados são pequenos proprietários, que receberam a terra como herança. Muitos deles se mudaram para a cidade e os que ficaram produzem pouco. Com o passar dos anos, eles foram abandonando suas atividades agrícolas ou apenas mantendo-as por não terem outra alternativa. Até mesmo os que têm seu pedaço de terra ficam na dependência do supermercado

para se alimentar, pois até a horta, considerada por eles como um fator essencial para completar a alimentação, e de certa forma, de fácil cultivo, não tem uma presença forte na comunidade.

*“Tem galinha, tem uma vaca pro leite das crianças. Meu marido tirava leite, mas o leite também não tava dando nada. Tava muito barato, aí não tá vendendo. E, por causa deu trabalhar, ele tem que olhar a menina. Aí ele fica mais por conta dela. O leite que tira é conta do gasto, é só uma vaca” (As,f,42).*

*“Sempre compra. Já tem terra e horta mesmo (não)... Agora que tô fazendo uma horta. Quero plantar bastante mesmo. A gente mora na roça tem água, tem o esterco. A horta é bom, né? Uma horta é uma beleza, ajuda muito” (As,f,42).*

Os que não têm seu pedaço de chão são empregados. Neste caso, a situação se torna mais difícil, pois nem sempre é de interesse do patrão que os empregados tenham horta e animais para ajudar nas despesas. Até o frango, que é um alimento fácil de ser produzido no meio rural, tem que ser comprado.

*“Esses dias eu plantei uma batata doce aí pra baixo. Aí quando as galinhas veio, comeu tudo... Aí eu falei pro patrão, então vou cercar essas galinhas. Ele falou não. Sou mais as galinhas soltas porque cata todo bicho, né? Cobra não chega perto, é rato, come tudo. Aí, é o seguinte, é mais melhor cercar a horta aqui pra baixo, fazer um hortão e deixar as galinhas soltas, bem melhor, mais sossegado” (Oc&At,m,27).*

*“(Frango) Tem que comprar. Pode (criar), mas tem que arrumar” (Mj&Al,m,43).*

Esta seção revela que os produtores familiares estudados dependiam diretamente do seu próprio trabalho e do trabalho de seus familiares para produzir a maior parte do seu alimento. Mas, com o passar do tempo, as

condições de produção e de uso da terra foram alteradas e a produção de alimento deixou de depender exclusivamente do trabalho familiar. Além disso a compra de alimentos se justifica por vários fatores, entre eles: custo da produção, falta de mão-de-obra e falta de políticas públicas agrícolas incentivadoras, como será discutido a seguir.

#### 4.2 O tempo da balança

A monocultura, da grande propriedade à pequena, chega para dificultar a produção de alimentos para consumo direto. Um trabalhador recém chegado na comunidade afirma: “(...) Lá tinha muita verdura. Depois, eles limparam tudo para plantar milho” (Mj&Al,m,43).

Hoje, são completamente dependentes do supermercado e a fatura acabou devido à dependência do salário para suprir todas as suas necessidades. Como afirma Speyer (1983), a utilização da monocultura de exportação, assim como a economia monetária, traz também prejuízos sensíveis à comunidade rural, levando comumente à diminuição da produção de gêneros alimentícios. Aqueles que viviam na roça e se autodenominavam “um povo econômico” aprenderam a não depender tanto do dinheiro. Porém, atualmente isso já não é mais possível, uma vez que a maioria dos alimentos e dos bens de consumo é adquirido através da compra, em que o dinheiro é fundamental.

*“O que nasceu, sofreu aqui a vida inteira é um povo econômico. Povo da roça, nunca vi um povo tão econômico assim. Aprendeu viver sem dinheiro que é o mais importante... Tô bobo com essa parte. Governador não tem preocupado com isso” (Ie,m,52).*

*“Hoje mudou tudo, né? Hoje é tudo comprado, a gente quase não colhe mais. Todo mundo aqui compra. Demudou demais. Naquele tempo, no Tumbiara, tudo plantado na enxada, agora tudo na balança, tudo passa na balança” (Ag,f,78).*

Quase todas as atividades destes produtores familiares estão comprometidas, devido às dificuldades encontradas atualmente e a produção de leite foi a mais citada.

#### 4.2.1 Produção de leite: “prisão em liberdade”

O leite sempre foi e ainda é a principal atividade e fonte de renda dos produtores familiares da região. Apenas um dos entrevistados possui ordenhadeira mecânica e tem uma produção aproximada de 500 litros/dia. Do restante, o que produz maior quantidade, trezentos litros/dia, se reúne com os filhos para atingir essa quantidade. O leite da tarde é armazenado num resfriador até o outro dia para ser entregue de uma só vez ao caminhão. Ele já teve uma ordenhadeira, mas disse que não “ajeitou com ela”. O local da ordenhadeira é utilizado para lavar latas, ou seja, um cômodo separado no curral com um tanque em precárias condições. Alguns produtores afirmam que o leite é básico e o plantio da roça é destinado à alimentação do gado. Outros entrevistados, mesmo produzindo leite, afirmam que as dificuldades são tantas que pensam em abandonar esta atividade, buscando outras alternativas de sobrevivência.

*“Planta, mas é para tratar de vaca, é em função das vacas mesmo. Planto para consumo e para tratar de vaca (...) só que o leite tem piorado cada vez mais. Para você ter uma idéia, depois desse plano real, quando começou o leite era mais que ele é hoje. Estava trinta e dois (centavos), hoje está em torno de trinta (centavos). E as coisas subiu demais, gasolina, tudo subiu. Ração tá subindo sem parar. O saco de farelo de soja, no começo desse plano, era nove real. Hoje tá mais de vinte. Então, tá difícil. Tudo dobrou. E o leite tá com tendência até cortar. Eu não sei até onde vai agüentar, não sei o que vai acontecer com isso aí não. Então, tá parando de tirar leite, tem que parar mesmo. Tá precisando parar, tá trabalhando de sem vergonha, tá pagando para trabalhar. Vai mexer com quê, depois de velho já? Você*

*vai ficando velho e mudar aquilo que você fez a vida inteira é tão difícil, né? Por isso que ainda tá tirando” (Ie,m,52).*

*“Plantava de tudo. O negócio dele era plantação e pecuária, leite, né? Era pra consumo próprio, sempre vendia porque colhia a mais. O leite era pra vender. A gente vendia pra Nestlé na época. A renda certa mesmo era do leite que vendia (...) Até o ano passado, eu produzia leite, agora eu mexo com criação de gado, garrote, boi, bezerro mexo com criação. Eu parei com leite, o leite tava assim dano muito trabalho e pouco rendimento, aí resolvi deixar. Agora tô na parte assim mais de criar gado...Eu tô adorando, porque pelo menos eu tenho mais tempo agora. Não sou tão preso igual era, porque mexer com leite é uma prisão em liberdade. A pessoa não tem como sair. Se sair, tem que voltar correndo porque tem aquele compromisso. Agora, chegou final de semana eu posso sair tranqüilo, passear, não tem problema” (Of&Mj,m,45).*

O leite é entregue para laticínios da região, sendo o preço estabelecido pelos mesmos, sem que o produtor possa negociar alguma garantia de reposição dos custos.

*“Hoje, tá para Real Marte, é uma firma nova. Isso aí, aquele que oferecer condições melhor, você acaba passando. Esse é um sobrinho meu que tá mexendo, mais é por esse motivo. Para quem eu estava vendendo está melhor que eles hoje. É tudo mais ou menos a mesma coisa. Quando vai baixar, eles até combina para baixar todo mundo junto. Então, você não tem escapatório para onde ir” (Ie,m,52).*

A busca de outras atividades na cidade, devido as dificuldades encontradas na produção de leite e na roça de modo geral, provocou o abandono das atividades agrícolas da família.

*“Depois que meu pai morreu, não foi possível mais fazer isso, porque meus irmãos tudo casou, tudo saiu, cada um saiu pro seu lado e as terras que era de meu pai foi ficando desdeixada, virando mata, só aonde minha mãe mora, o local que ela mora ela planta*

*alguma coisinha. Mas plantação igual nós fazia de carregar em carro de boi. Ah, isso nós num fez mais não” (Ac,f,47).*

Há o reconhecimento da inadequação das políticas agrárias e agrícolas para essa famílias de agricultores e os mesmos reconhecem que elas provocaram muitas mudanças em suas vidas. A necessidade de retorno à terra e a permanência no meio rural sinalizam a necessidade de um programa efetivo de reforma agrária.

*“O governo hoje não gosta dos pobres. Se o governo gostasse dos pobres não fazia o que faz, dava terra pro povo plantar, tem muita terra pra dar pros pobres” (Ac,f,47).*

*“Alguma coisa tem que acontecer, só que, às vez, é tarde demais para a maioria das pessoas talvez. Um dia vai acontecer ou vai acabar leite ou vai parar todo mundo. Alguma coisa vai acontecer, só que às vez é muito tarde para muitas pessoas. Igual a gente tem visto mesmo muitos abandonando, vão embora para cidade, largando. É tá difícil também [na cidade]. É muito pior tirar um homem que nasceu aqui. Eu ainda falo muito isso aí, igual esses sem terra da reforma agrária. Primeira coisa que tinha que fazer é segurar o homem que nasceu, que aprendeu a trabalhar, que sabe trabalhar. Esse tá indo embora, fazer o que não sei. Talvez morar debaixo da ponte lá para cidade porque não tem emprego também. Mas vai embora porque não tem como viver aqui com o que está acontecendo...Era segurar esse homem, dar condições de sobreviver” (Ie,m,52).*

Com tantas mudanças em suas vidas, os produtores familiares lutam para encontrar um equilíbrio entre produzir e comprar seus bens de consumo.

#### 4.3 A vida de hoje na balança: o difícil equilíbrio

Alguns entrevistados têm a percepção de que a vida está melhor, estando esse progresso associado ao acesso a mais tecnologias, mesmo tendo que se desfazerem de suas propriedades e se tornarem moradores urbanos em busca de

outras atividades para as quais sentem que não estão preparados. Outros estão sem saber como vai a vida, aspiram o rumo das cidades.

O desenvolvimento da tecnologia promove mudanças na sociedade, criando necessidades antes desconhecidas e a promessa de uma vida melhor e conforto, mas que nem sempre vêm acompanhada da felicidade (Naves,1997).

*"(...) Tá melhor um cadinho... Ele [pai] vendeu [terras] e mudou para a cidade. Tem uns dois mês só que ele morreu"* (Mj&Al,m,43).

*"Agora tá difícil. Hoje não tá fácil. Cê vê, pra ganhar o dinheiro tá difícil demais, as coisas tá muito difícil. Pro cê comprar tá difícil, pro cê fazer tá difícil. Eu não tô entendendo o dia de hoje não"* (Ac,f,47).

O tempo é percebido como escasso para essa população que, em busca de melhores condições de vida, trabalha mais. Para ter um pouco de conforto o indivíduo busca remuneração em mais de uma atividade. Apesar de falarem do passado com saudades, a falta das tecnologias, atualmente utilizadas, é sentida por eles como as dificuldades daquele tempo. Tais mudanças e o uso das tecnologias a nível geral são desencadeados pelo "relacionamento e inserção dos indivíduos no mercado mundial e através dos meios de comunicação de massa e se manifestam na proporção em que a cultura de integração maciçamente difundida leva o seu público 'per se' à troca de opiniões sobre artigos de consumo, submetendo-o "a doce coação do contínuo treinamento para o consumo'" (Naves,1997:p.77).

*"(...) só que hoje a gente gasta mais porque a vida melhorou muito. Hoje em dia, então por isso gasta mais, tem mais conforto. O pessoal consome mais, mas vive melhor também"* (Of&mj,m,45).

Segundo Azcona (1993:p.204) "tempo e o espaço não estão na relação das coisas entre si, mas na relação dos homens, na sua consciência. O tempo

não é, portanto, um processo real, uma sucessão efetiva que os indivíduos se limitam a registrar, ele nasce da relação das pessoas com as coisas, isto é, a temporalidade e a espacialidade são sempre a temporalidade e a espacialidade de uma determinada sociedade, tal como ela as percebe e as aplica a si, e tal como ela vive nesse tempo e nesse espaço”.

*“Sempre eu chego aqui seis hora, seis e meia. Vou dar banho nas meninas, fazer outras coisas e quase não sobra tempo. Lavar roupa. Ai quais não sobra tempo. [Para você chegar lá meio dia e trinta que horas tem de sair?] Onze e trinta, meio dia. [E de manhã?] Fazer almoço, lavar roupa, limpar casa, né? Ainda ali da casa do Lc que eu limpo lá” (DI,f,30).*

*“Depois Seu Uz. arrumou essa casa aqui e trouxe a gente para cá. Porque nessa casa que eu morava não tinha água, nem luz. Era uma dificuldade com as três crianças pequenininha e buscando água no ribeirão grande. Eu descia lá no fundo e pegava água pra lavar roupa, tomar banho e pra cozinhar. Beber e lidar na cozinha meu marido levava do laticínio” (Ac,f,47).*

Quando se pergunta sobre o futuro, os produtores (proprietários) não sabem o que dizer ou apenas dizem que, se continuarem o que estão fazendo, já está bom, pois a roça está muito difícil. Já os trabalhadores pensam em construir uma casa para os filhos na cidade. Todos percebem que as coisas mudaram, mas não dão conta de explicá-las. Mesmo tendo vivenciado o processo não conseguem distinguir o que significam tais mudanças no seu cotidiano. “Sem a capacidade de visualizar esta tragédia, de captar criticamente seus temas, de conhecer para interferir, é levado pelo jogo das próprias mudanças e manipulado pelas prescrições que lhe são impostas ou quase sempre maciamente doadas. Percebe apenas que os tempos mudam, mas não percebe a significação dramática da passagem, se bem que a sofra” (Freire, 1983:p.45).

*“Eu penso em comprar um lote pra fazer uma casinha pra deixar pros fios. Ah, eu queria comprar lá na Serra Verde. Já apareceu um lote lá e ele pediu mil reais, só que ele pediu uma entrada de quatrocentos real para pagar a base. Ai, dando os quatrocentos, ele divide os seiscentos. Ai meu marido tá pensando em fazer acordo com o Seu Ad. pra já dá tudo de uma vez e o restante a gente constrói de uma vez. Isso eu pretendo fazer” (Ac,f,47).*

*“Então, as meninas maior saiu tudo e a gente ficou aí. Ai eu tinha vontade de sair, mas que fosse pra uma casinha da gente, que pagar aluguel também não tem condição. Mas Dr. Vb. disse que não tem condições de dar casa pra nós mais. Agora eu não sei o que vai acontecer” (Hm,f,50).*

A população estudada possui vários problemas ligados à produção de alimentos e à manutenção de suas atividades cotidianas. A incerteza e falta de perspectiva para uma vida melhor fazem da vida desses entrevistados uma constante luta. Para muitos deles apenas a permanência na luta já é uma vitória. Como nos diz Fausto Neto (1982, p.202), “é pois a dialética do desespero e da esperança que faz com que o indivíduo renove a cada dia seu processo de luta pela sobrevivência”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

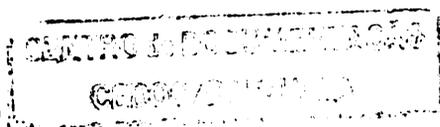
Retomando as questões que nortearam esta pesquisa, algumas considerações podem ser destacadas.

Para a população, a perda do direito ao uso da terra acabou com a fartura. Quando podiam plantar os alimentos, a fartura se fazia presente, pois a alimentação não dependia do dinheiro, mas da plantação e do serviço na enxada. O pouco que recebiam como salário, quando recebiam, era apenas para a compra complementar de uma ou outra coisa: “o básico sempre tinha”, o contrário de hoje que o salário garante o “grosso” e, na insuficiência deste, a alimentação fica comprometida. Hoje é tudo mais difícil, tanto para plantar como também para adquirir os alimentos. Se não plantam, a alimentação tende a ser adquirida fora.

A aquisição de alimentos em supermercados encontra-se em estreita dependência dos salários mensais, o que compromete a qualidade, a quantidade e os dias de compra, interferindo diretamente sobre os hábitos alimentares.

As compras dos gêneros alimentícios são feitas uma vez por mês, quando do recebimento do pagamento dos salários mensais para os trabalhadores assalariados e do recebimento do leite para os produtores familiares. Observa-se que somente nesses dias da compra a alimentação é um pouco melhor, ou pelo menos mais variada. Passados os dias da compra a alimentação tende a ficar restrita a alimentos desnaturalizados, os não perecíveis. As verduras são usadas como complemento, porém o cultivo da horta não é uma prática constante entre as famílias.

Além da dependência dos baixos salários para se alimentar, faltam informações sobre alimentação, principalmente vinculadas ao valor nutritivo e à prevenção das doenças. Isso agrava mais ainda o quadro de carência na



comunidade estudada, pois os remédios são de alto custo e são utilizados quotidianamente.

A população sente necessidade de alguma outra fonte de renda, pois o salário só dá para o supermercado, o que limita a obtenção dos demais componentes necessários a uma vida digna. Assim, as famílias não são beneficiárias do desenvolvimento, tendo como conseqüência o aumento de seus problemas. Há uma ausência de políticas públicas que se preocupem com essa realidade rural e que apresentem estratégias para viabilizar a permanência das famílias nas áreas rurais de forma a contribuir com o seu próprio desenvolvimento e o conseqüente desenvolvimento da sociedade.

Esta pesquisa trouxe à tona a necessidade de outros estudos, como por exemplo, aqueles que visem oferecer informações sobre nutrição e saúde para melhorar as práticas alimentares das famílias de Itirapuã e de outras comunidades com características sócio-econômicas similares.

Também se poderia aprofundar sobre a capacidade de planejar a alimentação, principalmente quando a compra mensal está limitada, fato que exigiria novas pesquisas. A dificuldade na administração mensal da alimentação certamente estará presente em outros aspectos de vida e da administração da família.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, R. **O que é fome**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 117p.
- ABRAMOVAY, R. **Interrelações entre as transformações demográficas e a agenda social**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. 44p. (Primeiro relatório de pesquisa).
- AZCONA, J. **Antropologia II: cultura**. Petrópolis: Vozes, 1993. 248p.
- ALENCAR, E. **Complexos agroindustriais**. Lavras: UFLA-FAEPE, 1997. 106p. (Roteiro para discussão).
- ALENCAR, E.; MOURA FILHO, J. A. **Caracterização sócio-econômica da unidade de produção no campo**. Lavras: COOPESAL, 1988. 27p. (mimeo).
- ANGELIS, R.C. de. **Fisiologia da nutrição**. 2.ed. São Paulo: EDART. 1979. v. 1, 285p.
- BELIK, W. **PRONAF: avaliação da operacionalização do programa**. Campinas: Unicamp, 1999. (mimeo).
- BRANDÃO, C. R. **Somos as águas puras**. Campinas: Papyrus, 1994. 317p.
- BRUKER, M. O. **Doenças do homem civilizado**. São Paulo: TAPS, [198-]. 12p. (folheto)
- CANDIDO, A. **Os parceiros do rio bonito**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975. 284 p.
- CARNEIRO, M. J. **Política de desenvolvimento e o “Novo Rural”**. Campinas: Unicamp, 1999. (mimeo).
- CASTRO, J. de. **Geografia da fome**. 10.ed. São Paulo: Brasiliense, 1967. 332 p.
- CAVALLI, S. B. **Situação alimentar da família do pequeno produtor rural: produção e consumo**. Ijuí: UNIJUÍ, 1997. 188 p.
- CHAYANOV, A. V. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974. 339p.

- CHONCHOL, J. O desafio alimentar: a fome no mundo. São Paulo: Marco Zero, 1989. 185 p.**
- FAUSTO NETO, A. M. Q. Família operária e reprodução da força de trabalho. Petrópolis: Vozes, 1982. 211 p.**
- FERREIRA, A. B. de H. Novo dicionário da língua portuguesa. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838p.**
- FREIRE, P. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 150p.**
- FRIEIRO, E. Feijão, angu e couve. Belo Horizonte: UFMG, 1966. 293p.**
- GALLIANO, A. G. Introdução à sociologia . São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1981. 337p.**
- GIDDENS, A. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Unesp, 1991. 177p.**
- GRAZIANO DA SILVA, J. Urbanização e pobreza no campo. In: Agropecuária e agroindústria no Brasil: ajuste atual e perspectivas. Campinas: ABRA, 1995. 127-149p.**
- GRAZIANO DA SILVA, J. A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 192p.**
- HENSEL, J. Alimentação: a armadilha que preparamos para nós mesmos. São Paulo: TAPS, [198-]. n.p (folheto)**
- HIRSCH, S. Manual do herói. 6.ed. São Paulo: Correcotia, 1997. 166p.**
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. Censo Demográfico. Minas Gerais. 1996.**
- JESUS, J. C. dos S. Trajetória de decisões administrativas na unidade camponesa e na empresa capitalista: um estudo de casos no sul de Minas Gerais. Lavras: ESAL, 1993. 147p. (Dissertação-Mestrado em Administração)**

- KAUTSKY, Karl. A questão agrária.** Rio de Janeiro: Laemert, 1968. 328p.
- LAKATOS, E. M. Sociologia geral.** São Paulo: Atlas, 1985. 381p.
- LAMARCHE, H. (coord) A agricultura familiar: comparação internacional.** Tradução por Angela Maria Naoko. Campinas: UNICAMP, 1993.
- SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DE MINAS GERAIS.** Lavras: diagnóstico municipal. Lavras, 1998. 156p.
- LEVI-STRAUSS. L'arc documentos.** São Paulo: Documentos, 1968. n. 2
- LEROY, J. P. Da comunidade local às dinâmicas micro regionais na busca do desenvolvimento sustentável.** In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL: O DESAFIO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E A GEOGRAFIA POLÍTICA, Rio de Janeiro, 1995. Anais... Rio de Janeiro, 1995. n.p.
- LOUREIRO, M. R. G. Terra, família e capital: formação e expansão da pequena burguesia rural em São Paulo.** Petrópolis: Vozes, 1987. 182p.
- LOVISOLO, H. R. Terra, trabalho e capital: produção familiar e acumulação.** Campinas: UNICAMP, 1989. 231p.
- MALUF, R. S. Segurança alimentar e desenvolvimento econômico na América Latina: o caso do Brasil.** Revista de Economia Política, v. 15, n. 1, p. 134-140, jan./mar. 1995.
- MATOS, W. A inserção da agricultura familiar no processo de desenvolvimento rural no Maranhão.** Lavras: UFLA, 1999. 55p. (Monografia-Graduação em Administração).
- MELLO, A. da S. O que devemos comer.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. 280p.
- MINAYO, M. C. S. et al. Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1995. 80p.
- MITCHELL, H. S.; RYNBERGEN H.J.; ANDERSON, L.; DIBBLE, M. V. Nutrição.** Rio de Janeiro: Interamericana, 1978. 567p.

- MÜLLER, G. Estado e classes sociais na agricultura. **Estudos econômicos**, São Paulo, v.12, n.2, p.81-84, ago. 1982.
- NATAL, J. L. A. A questão alimentar - nutricional na política econômica (1930-1976) : um vai e vem na periferia da agenda pública. **Economia Ensaio**, Uberlândia, v. 1, n.1, p. 87-99, set. 1984.
- NAVES, F. L. **A construção social na organização: um estudo em duas comunidades rurais**. Lavras: UFLA, 1997. 107p. (Dissertação-Mestrado em Administração).
- PAIVA, R. M. SCHATTAN, S. FREITAS, C.F.T. de. **Setor agrícola no Brasil**. Rio de Janeiro: Forense, 1976.
- PORTO, M. S. G.; SIQUEIRA, D. E. A pequena produção no Brasil: entre os conceitos teóricos e as categorias empíricas. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 6, p. 76-88, 1994.
- SCHILLING, M. **Qualidade em nutrição: método de melhorias contínuas ao alcance de indivíduos e coletividades**. São Paulo: Livraria Varela, 1995. 115 p.
- SGARBIERI, V.C. **Alimentação e nutrição : fator de saúde e desenvolvimento**. Campinas: UNICAMP, 1987. 387 p.
- SILVA, M. R. ; SILVA, M. A. A. P. Aspectos nutricionais de fitatos e taninos. **Revista de Nutrição**, v. 12, n. 1, p. 21-32, jan./abr. 1999
- SPEYER, A. M. **Educação e campesinato: uma educação para o homem do meio rural**. São Paulo: Loyola, 1983.145 p.
- SORJ, B. **Estado e classes sociais na agricultura**. Rio de Janeiro: Zahar,1980. 152 p.
- SORJ, J.; WILKINSON, J. Processos sociais e formas de produção na agricultura brasileira. In: SORJ, B.; ALMEIDA, M. H. T.(orgs.). **Sociedade e política no Brasil pós-64**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.164-190.
- STRAUS, A.; CORBIN, J. **Basic of qualitative research: grounded theory procedures and techniques**. Londres: Sage, 1990. 268 p.

- TEDESCO, J.C. Apresentação. In Agricultura familiar: realidades e perspectivas. Tedesco, J.C. (org.) Universidade de Passo Fundo: EDIUPF, 1999.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987. 173p.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. **Diagnóstico rápido participativo de agroecossistemas - Lavras - MG.** Lavras: UFLA, 1996. 23p. (Relatório Final).
- VALENTE, F. L. S. **Cúpula mundial da alimentação: direito à alimentação e a globalização da fome.** Disponível: <http://www.agora.org.br> [capturado em 21 mar. 2000].
- VILAS BOAS, A. A. **Organização da produção agropecuária e integração ao setor urbano-industrial: um estudo de caso.** Lavras, UFLA, 1992. 126p. (Dissertação-Mestrado em Administração).
- VILAS BOAS, A. A. **The nature of participation in farmers' organisation in the south of Minas Gerais, Brazil.** Reading, England: University of Reading: 2000. 288 p. (Tese-Doutorado em Desenvolvimento Rural).
- WANDERLEY, M.N.B. A agricultura familiar no Brasil: um espaço em construção. **Reforma Agrária**, São Paulo, ABRA, v.25, n.2 e 3, maio/dez. 1995.
- WOORTMANN, K. A comida, a família e a construção do gênero feminino. **Revista de Ciências Sociais.** Rio de Janeiro, v. 29, n 1, p. 103-130, 1986.
- YIN, R. K. "Case study research: design and methods". **Applied Social Research Methods.** 2<sup>nd</sup>ed.London: Sage, 1994. v.5, 172 p.